

As Aventuras do Menino Nicolau

Goscinny e Sempé



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

As Aventuras do Menino Nicolau

Goscinnny e Sempé



Ficha Técnica

Título: As aventuras do menino Nicolau
Título original: *Le petit Nicolas a des ennuis*
Autor: Jean-Jacques Sempé e René Goscinny
Tradução: Luísa Lobão Moniz
Revisão: José Costa
Capa: Carlos Miranda
ISBN: 9789722060912

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Éditions Denoël, 1964

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Sempé

Jean-Jacques Sempé nasceu em Bordéus, a 17 de agosto de 1932. Foi um aluno «mal comportado»... e, aos 19 anos, já se dedicava ao desenho humorístico. Colabora dor de revistas como Paris-Match, L'Express e Punch, é autor de muitos (excepcionais!) álbuns. É também o «pai» do Menino Nicolau.

Goscinny

René Goscinny nasceu em Paris, a 14 de agosto de 1926, e faleceu em 1977. Colaborador da revista Pilote, teve um «filho» ilustre, que dá pelo nome de Astérix.





Os problemas do Joaquim

Ontem, o Joaquim não veio à escola e, hoje, chegou atrasado com um ar muito aborrecido e nós ficámos muito admirados. Não ficámos admirados com o Joaquim por ele estar atrasado e aborrecido, pois ele atrasa-se muitas vezes e está sempre aborrecido, quando vem para a escola, sobretudo quando temos prova escrita de Gramática; ficámos admirados porque a professora fez um grande sorriso e disse-lhe:

— Ora parabéns, Joaquim! Deves estar contente, não é verdade?

Nós ficámos cada vez mais admirados, pois apesar de a professora já ter sido gentil com o Joaquim (ela é engraçada e gentil com toda a gente) nunca, nunca lhe deu os parabéns. Mas mesmo assim o Joaquim não ficou satisfeito, pois foi-se sentar, ainda com o mesmo ar aborrecido, ao lado do Maixent. Voltámo-nos todos para olhar para ele, mas a professora bateu com a régua na secretária e disse-nos para não nos distrairmos, para nos dedicarmos aos nossos trabalhos e para copiarmos o que estava no quadro, sem erros, por favor!

E depois ouvi a voz do Godofredo, atrás de mim:

— Passa palavra! O Joaquim teve um irmãozinho!

No recreio pusemo-nos todos à volta do Joaquim, que estava encostado à parede, com as mãos nas algibeiras, e perguntámos-lhe se era verdade que ele tinha tido um irmãozinho.

— Sim — disse-nos o Joaquim. — Ontem de manhã, o Papá acordou-me, estava todo vestido e não tinha feito a barba, riu-se, abraçou-me e disse-me que durante a noite eu tinha tido um irmãozinho. E depois disse-me para eu me vestir depressa e fomos para o hospital, e aí estava a Mamã; estava na cama e tinha um ar tão contente como o do Papá, e, ao pé da cama, estava o meu irmãozinho.

— Mas tu não estás com um ar lá muito contente! — disse eu.

— E porque é que havia de estar? — disse o Joaquim. — Primeiro, ele é feio como tudo. É muito pequeno, muito vermelho e está sempre a chorar, e toda a gente acha isso muito engraçado. Eu, quando choro um bocadinho, em casa, mandam-me logo calar, e depois o Papá diz que eu sou um pateta e que lhe dou cabo dos ouvidos.



— Sim, eu sei — disse o Rufus. — Eu também tenho um irmão pequenino, e isso dá sempre problemas. É o menino querido e pode fazer tudo, e se eu lhe bato vai fazer queixa aos meus pais, e depois eu fico proibido de ir ao cinema, à quinta-feira!

— Comigo é ao contrário. Tenho um irmão mais velho e ele é que é o menino querido. Ele inventa que sou eu que levanto problemas, bate-me e pode ficar até tarde a ver televisão e deixam-no fumar! — disse o Eudes.

— Estão sempre a aborrecer-me desde que o meu irmãozinho apareceu — disse o Joaquim. — No hospital, a Mamã quis que eu beijasse o meu irmãozinho, e a mim, é claro, não me apetecia nada, mas teve que ser, e o Papá começou logo a gritar para eu ter cuidado, que eu ia virar o berço e que ele nunca tinha visto um trapalhão tão grande como eu.

— O que é que se come quando se é assim pequenino? — perguntou o Alceste.

— E depois — disse o Joaquim — voltámos para casa, o Papá e eu, mas em casa era tudo muito triste, sem a Mamã. Principalmente porque foi o Papá quem fez o almoço e ele zangou-se porque não encontrava o abre-latas, e depois só comemos sardinhas e montes de ervilhas. E, esta manhã, ao pequeno-almoço o Papá pôs-se a gritar comigo porque o leite tinha vindo por fora.

— E vais ver — disse o Rufus —, primeiro, quando o trouxeram para casa, ele vai dormir no quarto dos teus pais, mas depois vão pô-lo no teu quarto. E sempre que ele chorar vão pensar que foste tu que o chateaste.



— Comigo — disse o Eudes — é o meu irmão mais velho que dorme no meu quarto, mas não me aborrece lá muito, só há muito tempo, quando eu era pequenino, é que essa espécie de palhaço se divertia a meter-me medo.

— Ah! Não! Isso tudo pode acontecer, mas no meu quarto ele não vai dormir! O quarto é meu, têm mas é que arranjar outro se ele quiser dormir lá em casa! — gritou o Joaquim.

— Bah! Se os teus pais disserem que ele vai dormir no teu quarto, o teu irmãozinho vai mesmo dormir no teu quarto, e pronto — disse o Maixent.

— Não senhor! Não senhor! Eles podem deitá-lo onde quiserem, mas não no meu quarto! Fecho-me lá dentro e pronto, não estou a brincar! — gritou o Joaquim.



— Isso é bom, sardinhas com ervilhas? — perguntou o Alceste.

— À tarde — disse o Joaquim — o Papá voltou a levar-me ao hospital e

estavam lá o meu tio Octávio, a minha tia Edite mais a minha tia Lúcia, e toda a gente dizia que o meu irmãozinho era parecido com um montão de gente, com o Papá, com a Mamã, com o tio Octávio, com a tia Edite, com a tia Lúcia e até comigo. E depois disseram-me que eu devia estar muito contente, e que agora era preciso que eu tivesse muito juízo, que ajudasse a minha Mamã e que trabalhasse muito na escola. E o Papá disse que esperava que eu me esforçasse porque até agora eu tinha sido um cábula, e era preciso que eu me tornasse um exemplo para o meu irmãozinho. E depois não me ligaram mais, a não ser a Mamã que me abraçou e que me disse que gostava muito de mim, tanto como do meu irmãozinho.

— Ei rapaziada! Que dizem se fizéssemos uma partida de futebol antes que acabe o recreio? — disse o Godofredo.

— Sabes uma coisa? Quando quiseses sair para ir brincar com os teus amigos, vão-te dizer para ficares em casa a tomar conta do teu irmãozinho — disse o Rufus.

— Ah sim? Ai é? Ele vai ficar mas é sozinho! — disse o Joaquim. — No fim de contas ninguém o pediu. E eu vou brincar sempre que me apetecer!

— É, é, isso vai dar bronca, e depois vão-te dizer que tu tens é ciúmes — disse o Rufus.

— O quê? Essa é boa! — gritou o Joaquim.



Ele disse que não era ciumento, que era uma palermice dizer uma coisa dessas, dizer que ele não se preocupava com o seu irmãozinho; só que ele não gostava que o incomodassem e que o fossem deitar no seu quarto, e depois que o impedissem de ir brincar com os amigos, e que ele não gostava de meninos queridos, e que se o chateassem muito, iam ver, ele saía de casa e depois toda a gente ficava aborrecida, e que podiam ficar com ele, com o seu Leôncio, e que toda a gente ia ter pena quando ele se fosse embora, sobretudo quando os pais soubessem que ele era capitão de um navio de guerra e que ganhava muito dinheiro, e que de qualquer maneira ele já estava farto da casa e da escola, que não precisava de ninguém, e que tudo isso era bestialmente divertido.

— Quem é o Leôncio? — perguntou o Clotário.

— É o meu irmão pequenino, claro — respondeu o Joaquim.

— Ele tem cá um nome mais esquisito — disse o Clotário.

Então o Joaquim atirou-se ao Clotário e deu-lhe montes de bofetadas porque, disse-nos ele, se havia coisa que não consentia era que insultassem a

sua família.



respeitosamente...
não! Com os meus respeitos...
não! Querendo agradecer...
não! Assim não...





A carta

Estou muito preocupado com o Papá porque ele já não tem memória para nada.

Outro dia o carteiro trouxe-me um grande embrulho, e eu fiquei muito contente porque gosto muito quando o carteiro traz encomendas para mim, são sempre presentes que a Vovó me manda, é a mãe da minha Mamã, e o Papá diz que nunca viu estragarem assim uma criança, e há sempre história com a Mamã, mas desta vez não houve e o Papá estava muito contente porque a encomenda não era da Vovó, mas sim do senhor Moucheboume, que é o patrão do Papá. Era o Jogo da Glória — já tenho um — e tinha lá dentro uma carta para mim:

Para o meu querido menino Nicolau, que tem um pai trabalhador.

Roger Moucheboume

— Que rica ideia! — disse a Mamã.

— Foi porque no outro dia eu lhe fiz um serviço particular — explicou o Papá. — Fiquei na bicha na estação dos comboios para comprar bilhetes. Foi simpático, ter mandado este presente para o Nicolau.

— Teria sido mais simpático se te tivesse aumentado — disse a Mamã.

— Fantástico! É mesmo o tipo de conversa que se deve ter à frente do miúdo. E então, que sugeres? Que o Nicolau devolva o presente ao Moucheboume e que lhe diga que prefere um aumento para o seu pai? — disse o Papá.

— Oh! Não — disse eu.

Porque na verdade, apesar de já ter um Jogo da Glória, poderei trocar o outro, na escola, com um amigo por qualquer coisa melhor.

— Oh, não tem importância, se estás satisfeito por estragarem o teu filho eu já não digo mais nada — disse a Mamã.

O Papá olhou para o teto, abanou a cabeça e fechou a boca e, depois, disse que eu devia telefonar ao senhor Moucheboume a agradecer.

— Não, o que se faz nestas ocasiões é escrever uma pequena carta — disse a Mamã.

— Tens razão — disse o Papá. — É preferível uma carta.

— Eu preferia telefonar — disse eu.

Porque na realidade telefonar é divertido, enquanto escrever é aborrecido, e lá em casa nunca me deixam telefonar, só quando a Vovó telefona e quer que eu lhe vá mandar beijinhos. A Vovó gosta imenso que eu lhe mande beijinhos pelo telefone, lá isso gosta.

— A ti ninguém te perguntou nada. Se te dizem para escreveres, escreves, e mais nada! — disse-me o Papá.

Bolas! Não é justo! E eu disse que não me apetecia escrever, e que se não me deixassem telefonar eu não queria esta porcaria do Jogo da Glória para nada, que já tinha um que era muito melhor e que se era assim, eu preferia que o senhor Moucheboume desse um aumento ao Papá. É mesmo verdade, não estou a brincar.

— Queres levar uma bofetada e ires para a cama sem jantar? — gritou o Papá.

Então eu desatei a chorar, o Papá perguntou o que é que tinha feito para merecer isto e a Mamã disse que se não tivéssemos um pouco de calma era ela que se ia deitar sem jantar, e que nós nos arranjássemos sem ela.



— Ouve, Nicolau, se tu tiveres juízo e escreveres esta carta sem mais problemas, podes repetir a sobremesa — disse-me a Mamã.

Eu disse que bom (era tarte de damasco) e a Mamã disse que ia preparar o jantar e foi para a cozinha.

— Bem, vamos fazer um rascunho — disse o Papá.

Tirou um papel da gaveta da sua secretária, um lápis, olhou para mim, meteu o lápis na boca e perguntou-me:

— Vamos lá a ver, o que vais dizer a este velho Moucheboume?

— Bem, não sei — disse eu. — Posso dizer-lhe que apesar de eu já ter um Jogo da Glória, fico muito contente, porque o seu, vou trocá-lo na escola, com os meus colegas; com o Clotário, por exemplo, que tem um carro azul fabuloso, e...

— Sim, bem, está bem. Já percebi. Ora vamos lá a ver... Como é que vamos começar?... Caro senhor... Não... Caro senhor Moucheboume... Não, é muito familiar... Meu caro senhor... Hmm... Não... — disse o Papá.

— Posso pôr: «Senhor Moucheboume» — disse eu.

O Papá olhou para mim, e depois levantou-se e foi a gritar para a cozinha:

— Querida! Caro senhor, Meu caro senhor ou Caro senhor

Moucheboulme?

— O que é que aconteceu? — perguntou a Mamã saindo da cozinha a limpar as mãos no avental.

O Papá repetiu-lhe, e a Mamã disse que se fosse ela punha «Caro senhor Moucheboulme», mas o Papá disse que isso lhe parecia demasiado familiar e se não seria melhor «Caro senhor, apenas». A Mamã disse que não, que «Caro senhor, apenas» era demasiado seco e que era preciso não esquecer que quem escrevia era uma criança. O Papá disse que precisamente «Caro senhor Moucheboulme» não era próprio de uma criança, não era suficientemente atencioso.

— Se já decidiste, para que é que me vens incomodar? Tenho o jantar para fazer.

— Oh! Peço-te desculpa por te ter incomodado nos teus afazeres. Afinal de contas não é nada de importância, trata-se apenas do meu patrão e do meu emprego! — disse o Papá.



— O teu emprego depende da carta do Nicolau? — perguntou a Mamã. — Ao menos não há tantos problemas quando é a minha mãe a mandar um presente!

Então, foi terrível! O Papá desatou aos gritos, a Mamã desatou também aos gritos, e depois foi para a cozinha e bateu com a porta.

— Bom, pega no lápis e escreve — disse-me o Papá.

Eu sentei-me à secretária e o Papá começou a ditar:

— Caro senhor, vírgula, parágrafo... É com alegria... Não, apaga... Espera... É com prazer... Sim, é isso... É com prazer que eu tive a grande surpresa... Não... Põe a imensa surpresa... melhor não, não vale a pena exagerar... Deixa a grande surpresa... A grande surpresa de receber o seu presente... Não... Aí podes pôr o seu maravilhoso presente... o seu maravilhoso presente que me deu imenso prazer... Ah! Não... Já pusemos prazer... Apaga prazer... E depois põe Respeitosamente... Ou melhor, As minhas respeitosas saudações... Espera...

E o Papá foi à cozinha, ouvi gritar e depois ele voltou todo vermelho.

— Bom — disse ele —, põe: «Com as minhas respeitosas saudações», e depois assinas. Pronto.



E o Papá pegou no papel para ler, abriu muito os olhos, olhou outra vez para o papel, deu um grande suspiro e pegou noutro papel para escrever um rascunho novo.

— Tens papel de carta, creio? Um papel com passarinhos no cimo, que te deu a tia Doroteia nos teus anos? — perguntou o Papá.

— São coelhos — disse-lhe.

— É isso, vai procurá-lo — disse o Papá.

— Não sei onde é que está — disse eu.

Então o Papá subiu comigo até ao meu quarto e começámos a procurar, e caiu tudo do armário, e a Mamã veio a correr e perguntou-nos o que é que estávamos a fazer.

— Estamos à procura do papel de carta do Nicolau, imagina tu — gritou o Papá —, mas esta casa está numa grande desordem! É inacreditável!

A Mamã disse que o papel de carta estava na gaveta da mesinha da sala, que começava a ficar farta, e que o jantar estava pronto.

Eu copieei a carta do Papá e tive que recomeçar várias vezes, por causa dos erros, e depois também por causa dos borrões de tinta. A Mamã veio dizer que tanto pior, o jantar ia-se queimar, e depois eu escrevi o envelope três vezes, e o Papá disse que podíamos ir jantar, e eu pedi um selo ao Papá, e o Papá disse: «Ah! Sim», e deu-me um selo, e eu repeti a sobremesa. Mas a Mamã não nos falou durante todo o jantar.

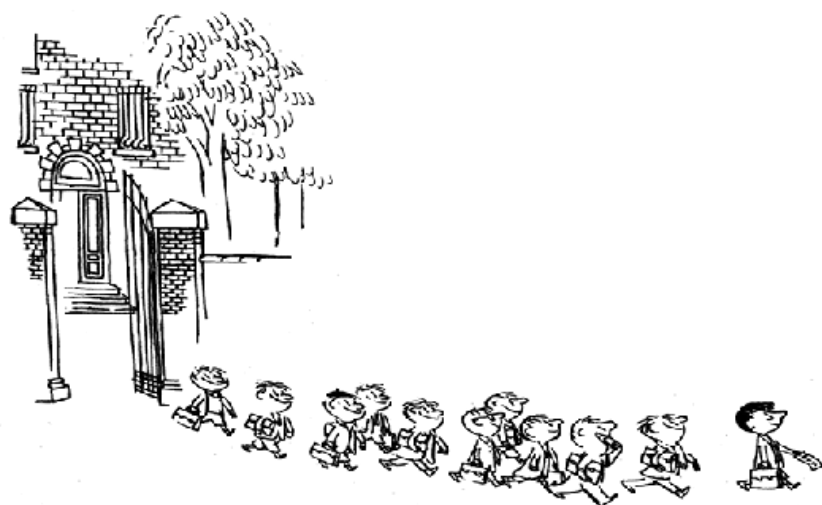
E foi no dia seguinte que eu fiquei muito preocupado com o Papá, porque o telefone tocou, o Papá foi atender e disse:

— Sim?... Sim... Ah! O senhor Moucheboume!... Boa tarde, senhor Moucheboume... Sim... como?

Então o Papá fez uma cara muito espantada e disse:

— Uma carta?... Ah! então foi para isso que este pequeno malandro do Nicolau me pediu, ontem à tarde, um selo!







O valor do dinheiro

Fui o quarto no exercício de História; tínhamos estudado Carlos Magno e eu sabia quase tudo, sobretudo o golpe de Roland e da sua espada que não se partia.

O Papá e a Mamã ficaram muito contentes quando souberam que eu tinha sido o quarto, e o Papá tirou a carteira e deu-me, sabem o quê? Uma nota de quinhentos escudos.

— Toma lá, rapazola, amanhã compras o que quiseres — disse-me o Papá.

— Mas... Mas, querido, não achas que é muito dinheiro para o miúdo? — disse a Mamã.

— É claro que não, já é altura de o Nicolau aprender o valor do dinheiro. Tenho a certeza de que ele vai gastar estes quinhentos escudos bem gastos. Não vais, rapazinho?

Eu disse que sim e abracei o Papá e a Mamã, eles são queridos, e guardei a nota na minha algibeira, e por isso jantei só com uma mão porque a outra era para eu verificar se a nota ainda lá estava. Eu nunca tinha tido tanto dinheiro só meu. Oh! é claro, algumas vezes a Mamã dá-me muito dinheiro para ir fazer compras à mercearia do senhor Compani, na esquina da rua, mas esse não é meu e a Mamã diz-me quanto dinheiro é que o senhor Compani me deve dar. Portanto não é a mesma coisa.

Quando me fui deitar, pus a nota debaixo da travesseira, e levei muito tempo a adormecer. E depois sonhei com muitas coisas engraçadas, com o senhor que está na nota e que está a olhar de lado, e que se punha a fazer montes de caretas, e depois a casa grande que está atrás dele transformava-se na mercearia do senhor Compani.

De manhã, quando cheguei à escola, antes de entrar na sala, mostrei a nota aos meus colegas.



— Está bem, e o que vais fazer com ela? — perguntou o Clotário.

— Não sei — respondi eu. — O Papá deu-ma para que eu conheça o valor

do dinheiro, e eu tenho que a gastar como deve ser. Para mim, o que eu gostava era de comprar um avião, mesmo verdadeiro.

— Não podes — disse o Joaquim. — Um avião verdadeiro custa pelo menos mil contos.

— Mil contos? — disse o Godofredo. — Estás a brincar! O meu pai disse-me que isso custava pelo menos trinta mil contos, e é um dos pequenos.



Aqui desatámos todos a rir, porque o Godofredo é um mentiroso, diz não importa o quê.

— Porque é que não compras um atlas? — disse-me o Aniano, que é o melhor da aula e o menino querido da professora. — Tem mapas bonitos, fotografias instrutivas, é muito útil.

— Não querias mais nada, que eu desse dinheiro para comprar um livro. Sabes, é a Tátá quem mos dá pelos meus anos ou quando estou doente, ainda não acabei aquele que me deu quando tive a papeira.

O Aniano olhou para mim e depois foi-se embora sem dizer nada e pôs-se a recordar a lição de Gramática. É mesmo doido, o Aniano!

— Devias comprar uma bola de futebol para podermos jogar todos — disse o Rufus.

— Estás a brincar, a nota é minha e eu não vou comprar coisas para os outros — disse. — Se quiseres jogar futebol tens que ser o quarto em História, p'ra já.

— Tu és mas é um avarento. Se foste o quarto em História é porque és também o menino querido da professora, como o Aniano — disse-me o Rufus.

A campanha tocou e tivemos que nos pôr em fila para entrarmos na sala e por isso eu não consegui dar uma bofetada ao Rufus. É sempre a mesma coisa: quando nos começamos a divertir trim-trim, temos que ir para a sala. E depois quando já estávamos em fila chegou o Alceste a correr.

— Está atrasado — disse o Caldo, que é o nosso vigilante.

— Não tive culpa, havia um *croissant* a mais para o pequeno-almoço —

disse o Alceste.

O Caldo deu um grande suspiro e disse ao Alceste para se pôr em fila e para limpar a manteiga que tinha no queixo.

Na sala, eu disse ao Alceste, que está sentado ao meu lado: «Já viste o que eu tenho?», e mostrei-lhe a nota.

Então, a professora gritou:

— Nicolau! O que é esse papel? Traz-mo imediatamente, está confiscado.

Eu desatei a chorar e levei a nota à professora, que abriu muito os olhos.

— O que vai fazer com isto? — perguntou a professora.

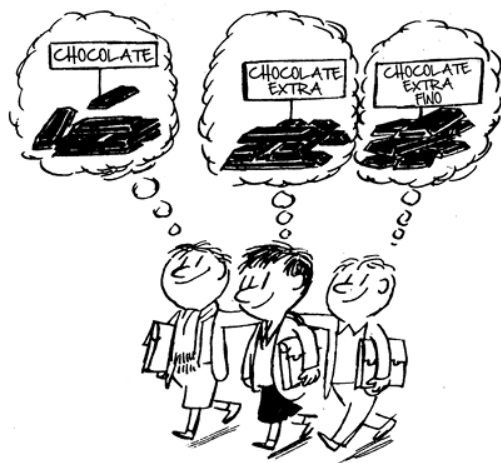
— Ainda não sei, foi o Papá que ma deu pelo golpe do Carlos Magno — expliquei.

Reparei que a professora estava a fazer um esforço para não se rir; por vezes acontece-lhe isto e ela fica muito bonita; devolveu-me a nota e disse-me para eu a guardar na minha algibeira, que eu não devia brincar com o dinheiro e que não o gastasse em disparates. E depois ela interrogou o Clotário, e pela nota que ele teve penso que o pai dele não lhe vai dar dinheiro nenhum.

No recreio, enquanto os outros brincavam, o Alceste puxou-me e perguntou o que é que eu ia fazer com o meu dinheiro. Eu disse-lhe que não sabia; então ele disse-me que com os quinhentos escudos eu poderia comprar montes de tabletas de chocolate.

— Podes comprar vinte! Vinte tabletas, já viste? Dez tabletas para cada um! — disse-me o Alceste.

— E porque é que eu havia de te dar dez tabletas? — perguntei eu. — A nota é minha!



— Deixa-o lá, ele é um avarento! — disse o Rufus ao Alceste. E eles foram brincar, e eu que me importo, é verdade, sim, afinal, porque é que eles têm todos que me aborrecer com o meu dinheiro?

Mas a ideia do Alceste, a ideia das tabletas de chocolate era boa. Primeiro, eu gosto imenso de chocolate, e depois eu nunca tive vinte tabletas de uma

vez, mesmo em casa da Vovó, que me dá tudo o que eu quero. Foi por isso que, depois da escola, eu fui a correr à pastelaria, e quando a senhora me perguntou o que é que eu queria eu dei-lhe a minha nota e disse: «Quero isto tudo em tabletes de chocolate, o Alceste disse que devia dar para vinte.» A senhora olhou para a nota, olhou para mim e disse:



— Onde é que encontraste isto, meu menino?

— Não encontrei, deram-me — disse eu.

— Deram-te para comprares vinte tabletes de chocolate? — perguntou a senhora.

— Sim, sim — respondi eu.

— Não gosto de meninos mentirosos, é melhor ires pôr esta nota onde a encontraste — disse-me a senhora.

E como ela me arregalou os olhos eu pus-me a andar, e fui a chorar até casa.

Em casa contei tudo à Mamã; então ela abraçou-me e disse-me que ia resolver isso com o Papá. E a Mamã levou a nota e foi ter com o Papá, que estava na sala. E depois a Mamã voltou com uma moeda de cem escudos.

— Vai comprar uma tablete de chocolate com estes cem escudos — disse-me a Mamã.

E eu fiquei todo contente. Penso mesmo que vou dar metade da minha tablete ao Alceste porque ele é meu amigo, e com ele eu divido tudo.





Fui às compras com o Papá

Depois do jantar o Papá fez as contas do mês com a Mamã.

— Pergunto a mim mesmo para onde vai o dinheiro que te dou — disse o Papá.

— Ah! Gosto imenso quando me dizes isso — disse a Mamã, que não estava com ar para brincadeiras; e depois explicou ao Papá que ele não sabia o que custava a alimentação e que se fosse às compras compreenderia e que não deviam discutir à frente do miúdo.

O Papá disse que tudo aquilo eram disparates, que se fosse ele a ir às compras fariam economias e comeríamos melhor, e que o miúdo tinha mas era que se ir deitar.

— Pois bem, já que assim é, vais tu às compras, já que és tão espartinho — disse a Mamã.

— Com certeza — respondeu o Papá. — Amanhã é domingo e eu vou ao mercado. Verás como não me deixo enganar.

— Boa — disse eu. — Também posso ir?

E mandaram-me deitar.

De manhã perguntei ao Papá se o podia acompanhar e o Papá disse que sim, que hoje quem fazia as compras eram os homens. Eu fiquei muito contente porque gosto muito de sair com o meu Papá e o mercado é muito engraçado. Há muita gente a gritar por todo o lado, é como se fosse um recreio muito grande a cheirar bem. O Papá disse-me para levar o saco das compras e a Mamã despediu-se de nós a rir.

— Podes rir, mas rirás menos quando voltarmos com coisas boas e a preços acessíveis. É que nós, os homens, não nos deixamos levar. Não é verdade, Nicolau?

— Claro — disse eu.

A Mamã continuou a rir e disse que ia aquecer água para cozer as lagostas que íamos trazer, e nós fomos buscar o carro à garagem.

No carro eu perguntei ao Papá se era verdade que nós íamos trazer lagostas.

— E porque não? — disse o Papá.

Tivemos azar para encontrar um lugar para estacionar. Havia montes de gente que ia ao mercado. Felizmente o Papá viu um lugar livre — tem olho, o meu Papá — e estacionou.

— Bem, vamos provar à tua mãe como é fácil fazer compras, e vamos ensinar-lhe a fazer economias. Não é verdade, meu rapazinho? — disse o Papá.

E depois o Papá aproximou-se de uma vendedora que estava a vender montes de legumes, olhou e disse que os tomates não estavam caros.

— Dê-me um quilo de tomates — pediu o Papá.

A vendedora pôs cinco tomates no saco das compras e disse:

— Além disto, que mais deseja?

O Papá olhou para o saco e, depois, disse:

— Mas como é? Um quilo são só cinco tomates?



— E o que é que quer, queria uma plantação deles por este preço? — perguntou a mulher. — Os maridos são todos iguais quando vêm às compras.

— Os maridos não se deixam levar como as mulheres, é o que é! — disse o Papá.

— Se é homem, repita lá isso outra vez — disse a vendedora, que parecia o senhor Pancrace, o salsicheiro do nosso bairro.

O Papá disse: «Bom, está bem, está bem»; deixou-me levar o saco e fomos embora, enquanto a vendedora falava do Papá com as outras vendedoras.

Depois, vi um vendedor com imensos peixes em cima da banca e lagostas enormes:

— Olha, Papá! Lagostas! — gritei.

— É mesmo, vamos ver — disse o Papá.

O Papá aproximou-se do vendedor e perguntou se as lagostas eram frescas. O vendedor explicou que eram especiais. Quanto a serem frescas, ele pensava que sim, uma vez que estavam vivas, e riu-se.

— Bem, está bem. E quanto custa, aquela grande, que está a mexer as patas? — perguntou o Papá.

O vendedor disse o preço e o Papá arregalou imenso os olhos.

— E a outra, a mais pequena? — perguntou o Papá. O vendedor disse outra vez o preço e o Papá disse que era incrível e que era uma vergonha.

— Diga lá — perguntou o vendedor —, são lagostas ou camarões que quer comprar? Porque o preço não é o mesmo. A sua mulher devia tê-lo prevenido.

— Vem, Nicolau. Vamos procurar outra coisa — disse o Papá.

Mas eu disse ao Papá que não valia a pena ir a mais nenhum sítio, que estas lagostas me pareciam fabulosas, com as patas a mexer, e que lagosta era muito bom.

— Não discutas e vem daí, Nicolau — disse-me o Papá. — Já não vamos comprar lagosta nenhuma.

— Mas Papá, a Mamã está a aquecer a água para as lagostas, por isso temos que comprar — disse eu.

— Nicolau — disse-me o Papá —, se continuas vais para o carro e esperas lá por mim!

Então desatei a chorar, não era justo, não.

— Muito bem, não só é avarento como não dá de comer à família, e ainda mais, martiriza este pobre rapaz — disse o vendedor.

— Preocupe-se com o que lhe diz respeito — gritou o Papá. — E além disso, quando se é um ladrão não se chama aos outros avarento!

— Um ladrão, eu? Quer levar uma bofetada? — gritou o vendedor.

E pegou num linguado com a mão.

— É verdade, é — disse uma senhora. — A pescada que me vendeu anteontem não era fresca. Nem o gato a quis.



— Não era fresca, a minha pescada? — gritou o vendedor.

Então houve um grande ajuntamento e nós fomo-nos embora enquanto todos se punham a discutir e o vendedor fazia gestos com o seu linguado.

— Vamos embora, já começa a ficar tarde — disse o Papá com um ar nervoso e cansado.

— Mas, Papá, só temos cinco tomates. Eu penso que uma lagosta...



Mas o Papá não me deixou acabar e puxou-me pela mão, e como eu fiquei muito espantado deixei cair no chão o saco das compras. E como se não bastasse, uma mulher gorda, que estava atrás de nós, pôs os pés em cima dos tomates, e fez «crash», e ela disse para termos cuidado. Quando apanhei o saco das compras do chão o que estava lá dentro até fazia perder o apetite.

— Temos que ir comprar outros tomates porque estes cinco já não existem — disse ao Papá.

Mas o Papá não quis ouvir mais nada e entretanto chegámos ao carro.

Aí o Papá não ficou nada satisfeito, por causa da multa.

— Na realidade, hoje estou com azar! — disse ele.

E depois entrámos no carro e o Papá pôs o carro a trabalhar.

— E vê se prestas atenção onde pões o saco, tenho as calças cheias de tomates esmagados! Vê lá bem o que fazes! — gritou o Papá.

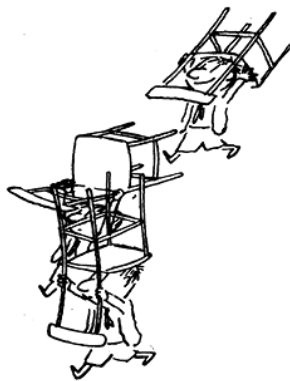
E foi então que batemos no camião. Com tanta macaquice tinha mesmo que ser!

Quando saímos da garagem para onde levámos o carro — não é grave, estará pronto depois de amanhã — o Papá tinha um ar irritado. Se calhar foi por causa das coisas que o camionista lhe disse, esse mal-educado.

Em casa, quando a Mamã viu o saco das compras, ia começar a dizer qualquer coisa, mas o Papá começou a gritar que não queria comentários. Como não havia nada para comer em casa, o Papá levou-nos de táxi a um restaurante. Foi muito giro. O Papá comeu pouco, mas a Mamã e eu comemos maionese de lagosta, como na festa da comunhão do meu primo Euloge. A Mamã disse que o Papá tinha razão, que as economias tinham resultado.

Para o próximo domingo espero ir outra vez às compras com o Papá!





As cadeiras

Hoje, na escola, o dia foi terrível!

Como de costume chegámos de manhã à escola, e quando o Caldo (é o nosso vigilante) tocou à campainha, pusemo-nos em fila. E, a seguir, todos os outros foram para as suas salas e só nós é que ficámos no pátio. Não sabíamos o que se passava, se a professora estava doente e se nos iam mandar para casa ou não. Mas o Caldo mandou-nos calar e ficar na fila. E depois vimos chegar a professora com o diretor da escola; falavam um com o outro e olhavam para nós, e depois o diretor foi-se embora e a professora veio ter connosco.

— Meus meninos — disse-nos —, durante a noite uma canalização gelou e rebentou e por isso a nossa sala ficou inundada. Os canalizadores estão a acabar as reparações — Rufus, se não te interessa o que eu estou a dizer poderás, ao menos, fazer o favor de ficar sossegado — e, portanto, vamos ser obrigados a ter a aula na lavandaria. Peço-vos que tenham juízo, que não façam desordens e que não aproveitem este pequeno acidente para se distraírem — Rufus, segundo aviso. Vamos!

Nós estávamos muito contentes porque é sempre divertido quando há alterações na vida da escola. Agora, por exemplo, era muito engraçado ir atrás da professora pela escadinha de pedra que dá para a lavandaria. Nós pensamos que conhecemos bem a escola, mas existem montes de sítios, como este, para onde nunca se vai porque é proibido. Chegámos à lavandaria; não é muito grande e não tem móveis, apenas uma pia e uma caldeira com imensos tubos.

— Ah! é verdade, é preciso ir buscar cadeiras ao refeitório — disse a professora.

Então, todos nós levantámos o dedo e desatámos a gritar: «Eu posso lá ir, senhora professora? Eu, professora, eu!», e a professora bateu com a régua em cima da pia, mas fazia menos barulho do que se fosse em cima da secretária, na sala de aula.

— Um pouco de silêncio! — disse a professora. — Se continuam a gritar dessa maneira não vai ninguém buscar as cadeiras e damos a aula de pé... Ora vamos lá a ver... o Aniano, e depois o Nicolau, o Godofredo, o Eudes, e... e... e o Rufus, apesar de não merecer, vão ao refeitório, sem se distraírem, e lá

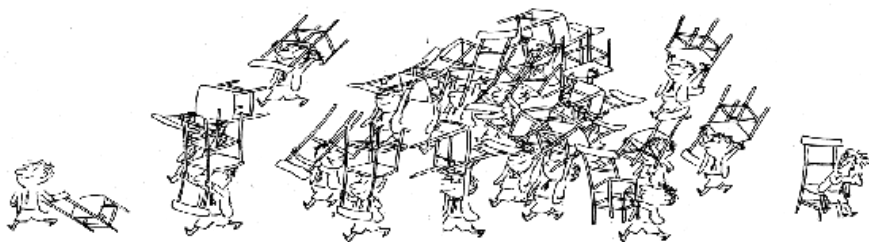
dar-vos-ão as cadeiras. O Aniano fica responsável pela expedição, uma vez que ele é ajuizado.

Saímos da lavandaria muito contentes, e o Rufus disse que nos íamos divertir à brava.

— Um pouco de silêncio! — disse o Aniano.

— A ti, ninguém te chamou, menino querido da professora! — gritou o Rufus. — Eu só me calo se quiser, e mais nada!

— Não senhor! Não senhor! — gritou o Aniano. — Tu calas-te quando eu quiser, a professora disse que era eu quem mandava, e mais, eu não sou nenhum menino querido da professora, e vou fazer-lhe queixa, toma!



— Queres levar uma bofetada? — perguntou o Rufus.

A professora abriu a porta da lavandaria e disse-nos:

— Muito bem! Estão de parabéns! Vocês já deviam estar de volta, e ainda aqui estão, à porta, a discutir. Maixent, vá para o lugar do Rufus. Rufus, volte para a sala, já o tinha avisado!

O Rufus disse que não era justo e a professora disse que ele era um miúdo insolente, avisou-o uma vez mais e disse que se ele continuasse ela acabaria por castigá-lo severamente, e o Joaquim foi substituir o Godofredo, que estava a fazer macaquices.

— Ah! Até que enfim! — disse o Caldo, que estava à nossa espera no refeitório.

Deu-nos as cadeiras, tivemos que fazer imensas viagens, e como fizemos muitas traquinices nos corredores e nas escadas, o Clotário foi substituir o Eudes e eu fui substituído pelo Alceste. Mas depois fui eu quem substitui o Joaquim, e sem a professora dar por isso o Eudes conseguiu fazer mais uma viagem sem ter substituído ninguém, e depois a professora disse que já havia cadeiras suficientes e que ela queria um pouco de calma, se fizessem o favor, e o Caldo chegou com três cadeiras.

O Caldo é bastante forte e perguntou se já havia cadeiras que chegassem, e a professora disse que já tinha cadeiras a mais e que já não nos podíamos mexer, e que era preciso levá-las dali, e todos nós levantámos o dedo a gritar: «Eu! Senhora! Eu!» Mas a professora bateu com a régua em cima da caldeira e foi o Caldo quem levou as cadeiras, e teve que fazer duas viagens.



— Ponham as cadeiras em fila — disse a professora.

Então, começámos a alinhar as cadeiras, de qualquer maneira, em todas as direções, e a professora ficou muito aborrecida; disse que éramos insuportáveis e foi ela quem acabou por alinhar as cadeiras em frente da pia, e depois mandou-nos sentar, mas o Joaquim e o Clotário começaram a empurrar-se porque queriam sentar-se os dois na mesma cadeira, ao fundo da lavandaria.

— Que mais temos? — perguntou a professora. — Sabiam que eu começo a ficar farta disto?

— Este é o meu lugar — explicou o Clotário. — Na sala, eu estou sentado atrás do Godofredo.

E o Joaquim disse:

— Talvez, mas na sala o Godofredo não está sentado ao lado do Alceste. O Godofredo tem é que mudar de lugar e tu sentas-te atrás dele. Porque este é o meu lugar, ao pé da porta.

— Eu até quero mudar de lugar, mas o Nicolau tem que me dar a sua cadeira porque o Rufus... — disse o Godofredo ao levantar-se.

— Ainda não acabou? — disse a professora. — Clotário, vá para o canto!

— Qual, senhora? — perguntou o Clotário.

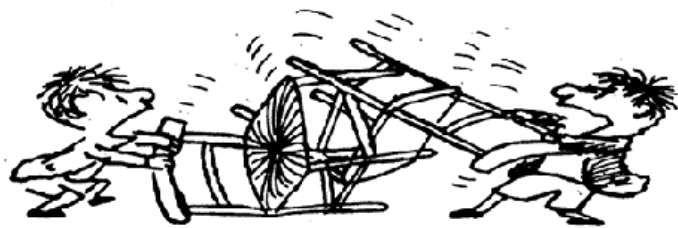
Ele tinha razão, quando estamos na sala o Clotário vai sempre para o mesmo canto, o que fica à esquerda do quadro, mas aqui, na lavandaria, é tudo diferente e o Clotário ainda não está habituado. Mas a professora estava muito nervosa e disse ao Clotário para ele não se fazer de palhaço, e que lhe ia dar um zero, o Clotário viu então que não era altura para macaquices e escolheu o canto oposto à pia; não tinha muito espaço, mas se se apertasse conseguia ficar lá de pé. O Joaquim sentou-se todo contente na cadeira do fundo, mas a professora disse-lhe que «não, meu menino, isso era fácil demais; venha cá mais para a frente para eu o poder ver bem», e o Eudes teve que se levantar para dar o lugar ao Joaquim, mas para os deixar passar tivemos todos que nos levantar, e a professora bateu, com bastante força, com a régua em cima dos tubos da caldeira e gritou:

— Silêncio! Sentados! Sentados! Estão a ouvir? Sentem-se!

E depois a porta da lavandaria abriu-se e entrou o diretor.

— Levantem-se! — disse a professora.

— Sentem-se! — disse o diretor. — Pois então, parabéns! Grande algazarra! Ouvia-se por toda a escola! Só se ouvem pés a bater pelos corredores, gritos, pancadas nos tubos! Magnífico! Os vossos pais podem ficar orgulhosos, pois em breve vocês irão acabar na prisão, uma vez que se portam como uns selvagens, é sabido!



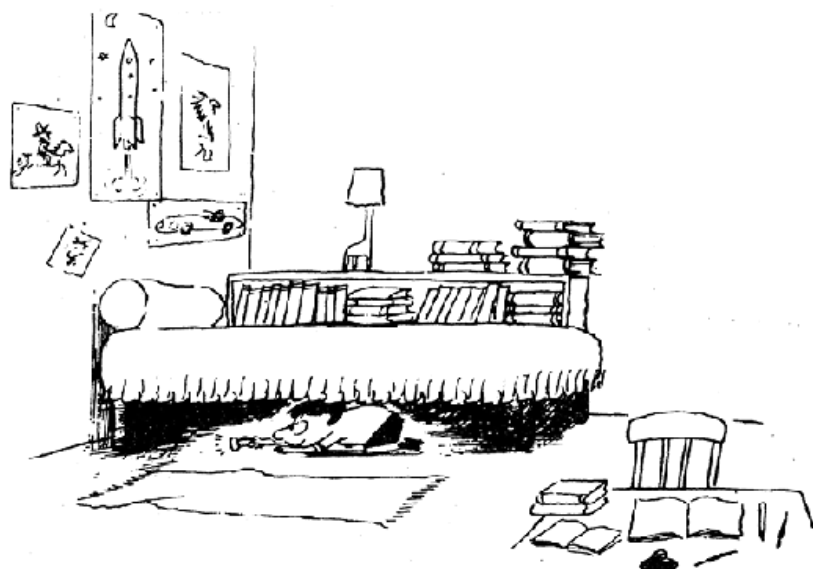
— Senhor diretor — disse a professora, que é muito, muito simpática e está sempre a defender-nos —, eles estão um pouco nervosos com este sítio que não estava em condições para os receber, por isso houve um pouco de desordem, mas eles vão já sossegar.

Então, o diretor fez um grande sorriso e disse:

— Claro, claro, minha senhora! Eu compreendo muito bem. Pode já sossegar os seus alunos; os canalizadores prometeram-me que a sala de aula estará pronta amanhã quando voltarem. Penso que esta excelente notícia vai acalmá-los.

E quando ele se foi embora, ficámos muito contentes por estar tudo resolvido até que a professora nos lembrou que amanhã era quinta-feira.







A lanterna

Como eu tive BOM em Ortografia o Papá deu-me dinheiro para eu comprar o que quisesse, e à saída da escola todos os meus colegas foram comigo à loja para eu comprar uma lanterna, era mesmo isso que eu queria.

Fiquei muito contente por a ter comprado, pois era uma lanterna muito engraçada, já a tinha visto na montra da loja sempre que ia para a escola.

— E o que vais fazer com a tua lanterna? — perguntou-me o Alceste.

— Bem, ela é bestial para brincarmos aos detetives — respondi. — Os detetives têm sempre uma lanterna para seguir as pistas dos bandidos.

— Sim — disse o Alceste —, mas eu, se o meu pai me tivesse dado tanto dinheiro para comprar qualquer coisa, eu teria preferido o mil-folhas da pastelaria, porque as lanternas usam-se, mas os mil-folhas são deliciosos.

Todos os colegas desataram a rir e disseram ao Alceste que ele era tolo e que era eu quem tinha razão em comprar uma lanterna.

— Vais-nos emprestar a tua lanterna? — perguntou-me o Rufus.

— Não — disse eu. — Se querem uma, tirem também BOM em Ortografia, se forem capazes!

E nós ficámos todos aborrecidos e não dissemos mais nada.



Em casa, quando mostrei a lanterna à minha mãe, ela disse:

— Vejam só, que rica ideia! Pelo menos com isso não nos dás cabo dos ouvidos. Vai fazer os teus trabalhos de casa.

Subi para o meu quarto, fechei as janelas para ficar muito escuro e depois diverti-me a projetar aquela luz redonda por toda a parte: nas paredes, no teto, debaixo dos móveis e debaixo da minha cama, onde fui encontrar, lá no fundo, um berlinde de que há muito tempo andava à procura e que nunca teria

conseguindo encontrar se não tivesse a minha lanterna tão engraçada.

Estava debaixo da cama, quando se abriu a porta do meu quarto, se acendeu a luz e a Mamã gritou:

— Nicolau! Onde estás?

E quando me viu sair de baixo da cama, perguntou-me se eu tinha perdido a cabeça, e o que é que eu fazia às escuras debaixo da cama; e quando lhe expliquei que estava a brincar com a minha lanterna, ela disse-me que perguntava a si mesma onde é que eu ia buscar estas ideias, que eu a matava aos poucos, «Olha-me só em que estado te puseste», e «Vai já fazer os teus trabalhos de casa, depois brincas», e «O teu pai tem cada ideia».

A Mamã saiu, eu apaguei a luz e fui trabalhar. É muito engraçado fazer os trabalhos de casa com uma lanterna, nem que sejam os exercícios de Aritmética! E depois a Mamã voltou ao meu quarto, acendeu a luz do teto e não ficou nada contente.

— Pensava que já te tinha dito para fazeres os teus trabalhos de casa e só depois brincares — disse-me a Mamã.

— Estava agora mesmo a fazer os meus trabalhos de casa — expliquei.

— Às escuras? Com essa pequena lanterna ridícula? Vai-te fazer mal aos olhos, Nicolau! — gritou a Mamã.

Então eu disse à Mamã que não era uma pequena lanterna ridícula, e que ela dava uma luz fabulosa, mas a Mamã não quis saber de mais nada e pegou na minha lanterna, e disse que só me daria quando eu tivesse acabado os meus trabalhos de casa. Tentei choramingar, mas sei que com a Mamã isso não dá resultado nenhum, então resolvi o meu problema o mais rápido possível. Felizmente era um problema fácil, e depressa calculei que a galinha punha 33,33 ovos por dia.

Desci as escadas a correr até à cozinha e pedi à Mamã que me desse a minha lanterna.

— Está bem, mas vê lá se tens juízo — disse-me a Mamã.

E depois chegou o Papá e eu fui dar-lhe um beijo e mostrei-lhe a minha lanternazinha, e ele disse que era uma ideia disparatada, mas que enfim, com isso eu não dava cabo dos ouvidos a ninguém. E depois foi-se sentar na sala para ler o jornal.

— Posso apagar a luz? — perguntei.

— Apagar a luz? O que é que se passa, Nicolau? — disse o Papá.

— Bem, é para brincar com a lanterna — expliquei-lhe.

— Nem pensar. Não percebes que depois não posso ler o meu jornal às escuras?

— Claro — disse eu. — Eu iluminava o teu jornal com a minha lanterna, ia ser muito engraçado!

— Não, Nicolau! Sabes o que é que quer dizer não? É não, não! E não me aborreças, hoje tive um dia muito cansativo — gritou o Papá.

Então comecei a chorar, disse que não era justo, que assim não valia a pena ter BOM em Ortografia, se depois não nos deixam brincar com a nossa

lanterna, e se eu soubesse não tinha feito o problema da galinha e dos ovos.

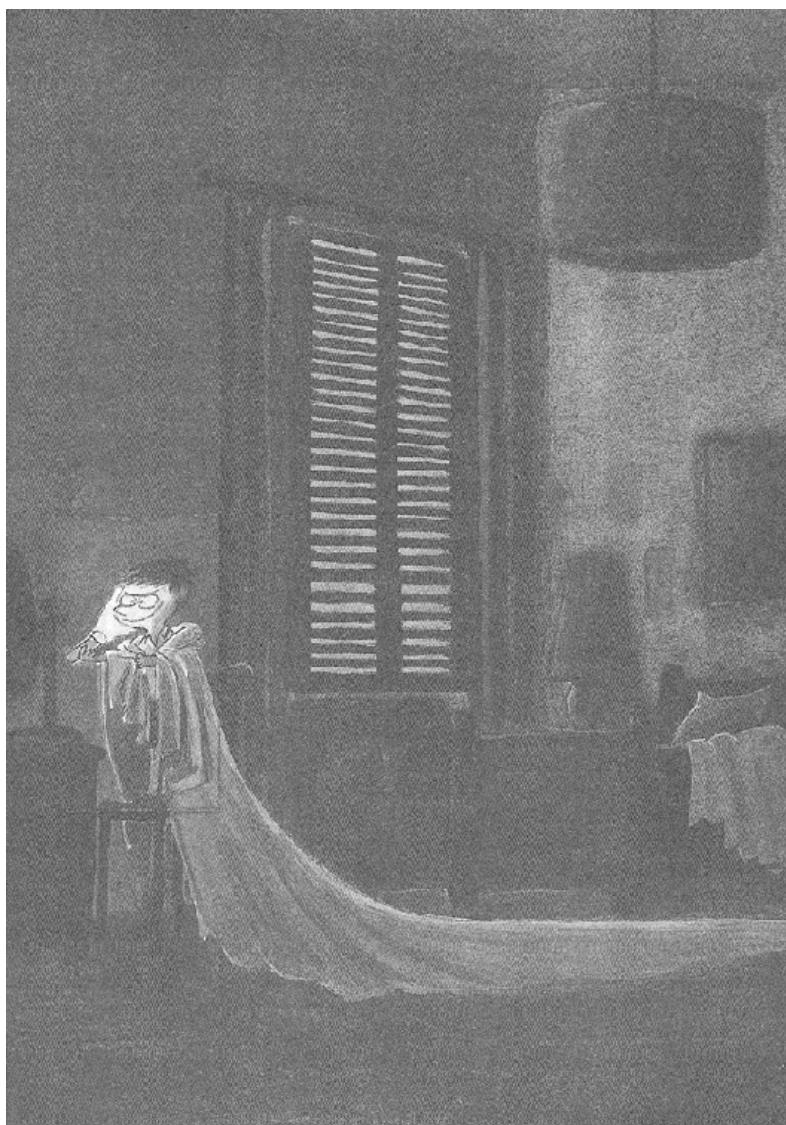
— O que é que tem o teu filho? — perguntou a Mamã, que veio da cozinha.

— Oh! Nada! O teu filho, como tu dizes, quer que eu leia o jornal às escuras — disse o Papá.

— E de quem é a culpa? Comprar-lhe a lanterna foi na realidade uma ideia fantástica.

— Eu não lhe comprei nada! Ele é que gastou o dinheiro sem pensar, eu não lhe disse para ele comprar essa lanterna idiota! Às vezes pergunto a quem é que ele sai com essa mania de atirar o dinheiro pela janela fora — gritou o Papá.

— Não é uma lanterna idiota! — gritei eu.



— Oh! — disse a Mamã. — Compreendi muito bem essa alusão tão subtil. Mas lembro-te que o meu tio foi vítima da crise, enquanto que o teu irmão Eugénio...

— Nicolau, vai brincar para o teu quarto! Tens um quarto, não tens? Então vai lá. Eu tenho que conversar com a tua mãe — disse o Papá.

Então fui para o meu quarto e diverti-me imenso em frente do espelho; punha a lanterna virada para mim, e eu ficava a parecer um fantasma, e depois punha a lanterna na boca e ficava com as bochechas todas vermelhas, punha a lanterna na algibeira e via-se a luz através das calças, e ia começar a procurar as pistas dos bandidos quando a Mamã chamou por mim para me dizer que o jantar já estava pronto.

À mesa, como ninguém estava com ar para brincadeiras, não me atrevi a pedir para apagar a luz enquanto comíamos, fiquei à espera que os fusíveis rebentassem, como acontece algumas vezes, e então toda a gente ficaria contente por eu ter a minha lanterna, e, depois do jantar iria com o Papá à cave para o iluminar enquanto ele arranjasse os fusíveis. Foi pena, mas não se passou nada disto; felizmente havia tarte de maçã.

Fui-me deitar, e na cama li um livro com a luz da lanterna, e a Mamã entrou e disse-me:

— Nicolau, és insuportável! Apaga essa lanterna e dorme! Ou então, olha, dá-me a lanterna, dou-ta amanhã de manhã.

— Oh! Não!... Oh! Não!... — gritei eu.

— Ele que fique com a lanterna para ver se temos um pouco de paz nesta casa! — gritou o Papá.

Então a Mamã deu um grande suspiro, foi-se embora e eu cobri-me com o cobertor, e lá debaixo, com a lanterna, era tão engraçado que ninguém consegue imaginar, e depois adormeci.

E quando a Mamã me veio acordar, a lanterna estava aos pés da cama, estava apagada e não quis voltar a acender-se!

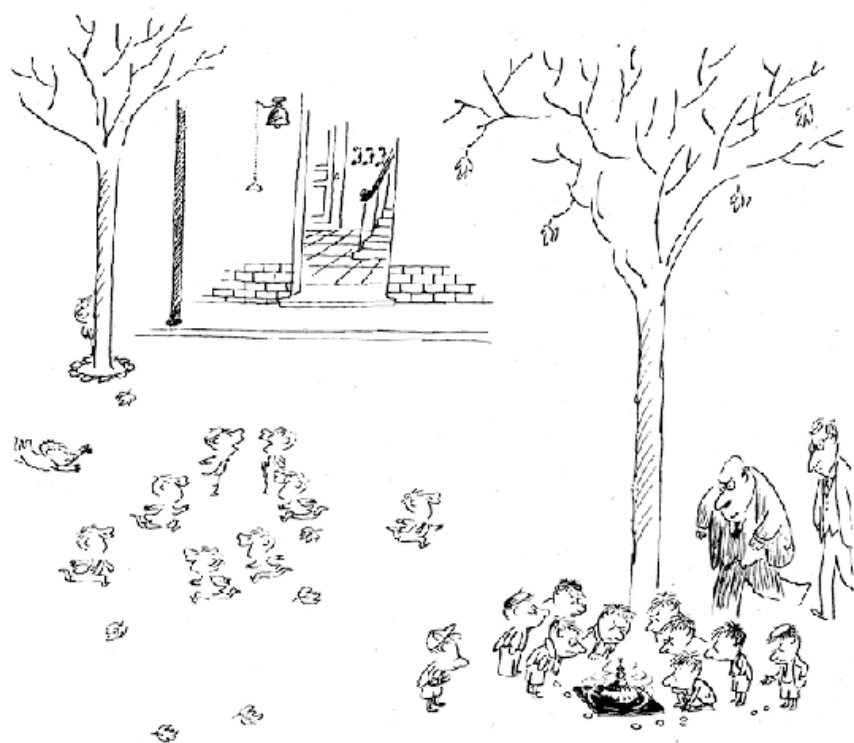
— É claro — disse a Mamã —, acabou-se a pilha e não é possível substituí-la. Paciência, vai-te arranjar.

E, enquanto tomávamos o pequeno-almoço, o Papá disse-me:

— Ouve, Nicolau, para de choramingar. Que te sirva de lição: gastaste o dinheiro que eu te dei para comprar uma coisa de que não precisavas e que depressa se estragou. Isso ensinar-te-á a seres mais responsável.

Pois bem, esta noite, o Papá e a Mamã vão ficar muito contentes por verem como eu fui responsável. Na escola, troquei com o Rufus a minha lanterna que já não trabalha por um apito muito engraçado, e que trabalha muito bem!







A roleta

O Godofredo, que tem um pai muito rico que lhe compra tudo o que ele quer, está sempre a levar coisas incríveis para a escola.

Hoje, trouxe uma roleta na pasta e mostrou-no-la no recreio. Uma roleta é uma roda pequena com números pintados em cima e tem uma bola branca.

— Fazemos girar a roda, e, quando ela para, a bola fica à frente de um dos números; e se nós tivermos apostado que era nesse número que ela ia parar, bing!, ganhamos o jogo! — explicou-nos o Godofredo.

— Isso assim é muito fácil, tem que haver um truque — disse o Rufus.

— Eu vi como se joga a isso num filme de *cow-boys* — disse-nos o Maixent. — Mas a roleta estava falsificada, então o rapaz puxou o revólver, matou todos os inimigos, saltou pela janela para montar o seu cavalo e partiu a galope, tacatac, tacatac, tacatac!

— Ah! Vi logo que havia um truque! — disse o Rufus.

— És um imbecil! Não é lá porque a roleta do filme deste imbecil do Maixent estava falsificada que a minha tem que estar! — disse o Godofredo.

— Quem é que é imbecil? — perguntaram o Rufus e o Maixent.

— Eu vi como se jogava à roleta num programa da televisão — disse o Clotário. — Havia um pano em cima de uma mesa com números, e as pessoas punham fichas em cima dos números e ficavam muito nervosas quando perdiam as fichas.

— Sim, na caixa que trazia a minha roleta havia também um pano verde com números e montes de fichas, mas a minha mãe não me deixou trazer tudo para a escola. Mas não faz mal, podemos jogar na mesma — disse o Godofredo.

E o Godofredo disse-nos que bastava apostarmos nos números, e que ele fazia girar a roleta e que o número que saísse ganhava.

— E vamos jogar com quê? Não temos fichas — perguntei eu.

— Bem, todos nós temos moedas — disse o Godofredo. — Então, jogamos com as moedas, tanto faz; faz de conta que são fichas. Aquele que ganhar fica com as moedas todas.

— Eu preciso das minhas moedas para comprar um pão com chocolate, à saída — disse o Alceste, enquanto comia a sua segunda fatia de pão do intervalo.

— Precisamente, se ganhares as moedas dos outros poderás comprar montes de pães com chocolate — disse o Joaquim.

— Ah, sim?! — disse o Eudes. — Então lá porque o gordo teve a sorte de acertar num número, vai comprar pães com chocolate com as minhas fichas? Nunca na vida! Isso não é jogar!

O Alceste ficou todo zangado porque não gosta que lhe chamem gordo, e ele disse que ia ganhar o dinheiro todo do Eudes e que ia comer os pães com chocolate mesmo à frente dele, que não lhe dava nenhum e que se ia divertir à brava, isso é que ia.

— Bom, aqueles que não quiserem jogar não jogam, pronto. Não vamos passar o intervalo a discutir! Escolham os vossos números — disse o Godofredo.



Pusemo-nos todos à volta da roleta, pusemos as nossas moedas no chão e escolhemos os números. Eu quis o 12, o Alceste o 6, o Clotário o 0, o Joaquim o 20, o Maixent o 5, o Eudes o 25, o Godofredo o 36 e o Rufus não escolheu nenhum porque disse que não ia perder as suas moedas por causa de uma roleta falsificada.

— Oh lá lá! Oh lá lá! Aquele ali está a enervar-me. Já te disse que ela não está falsificada! — gritou o Godofredo.

— Prova-o lá — disse o Rufus.

— Então, vamos lá ou não? — gritou o Alceste.

O Godofredo fez girar a roleta e a pequena bola branca parou à frente do número 24.

— O 24, como? — disse o Alceste todo vermelho.

— Ah! Eu bem vos tinha dito que ela estava falsificada. Assim ninguém ganha! — disse o Rufus.

— Não senhor, ganhei eu! Eu tinha o número 25, e o 25 é o que está mais perto do 24 — disse o Eudes.

— Mas onde é que tu já jogaste à roleta? — gritou o Godofredo. — Jogaste no 25, e se o 25 não saiu perdeste, e é tudo! Tenho a honra de vos cumprimentar.

— O Godofredo tem razão. Como ninguém ganhou começa-se outra vez — disse o Alceste.

— Um minuto, um minuto — disse o Godofredo. — Quando ninguém ganha é o dono da roleta quem fica com tudo!

— Na televisão era sempre assim — disse o Clotário.

— Ninguém te perguntou nada, aqui não estamos na televisão! — gritou o Alceste. — Se é para jogar assim fico com a minha ficha e depois tenho a

honra de vos cumprimentar.

— Não está certo, já a perdeste — disse o Godofredo.

— Pois se fui eu que ganhei... — disse o Eudes.

Então pusemo-nos todos a discutir, mas como vimos que o Caldo e o senhor Mouchabièrre, que são os nossos vigilantes, estavam a olhar para nós do outro lado do pátio, pusemo-nos todos de acordo.

— Vá lá, a primeira vez era a brincar. Vamos começar outra vez — disse o Godofredo.

— Bom, eu fico com o 24 — disse o Rufus.

— Pensei que não querias jogar porque a roleta, a minha roleta, estava falsificada — disse o Godofredo.

— Exatamente — disse o Rufus. — Está preparada para sair sempre o 24! Vimos bem isso no último jogo.

O Godofredo olhou para o Rufus, pôs um dedo na testa e começou a aparafusar e com a outra mão fez girar a roleta. E depois a bola parou à frente do número 24, o Godofredo deixou de aparafusar e arregalou os olhos. O Rufus, que fazia um grande sorriso, ia apanhar as moedas, mas o Eudes empurrou-o.

— Não senhor, não vais apanhar as moedas. Fizeste batota — disse o Eudes.

— Eu, eu fiz batota? És um mau jogador, é o que tu és! Eu joguei no 24 e ganhei! — gritou o Rufus.

— A roleta está falsificada, foste tu mesmo que o disseste. Ela não pode parar duas vezes seguidas no mesmo número — gritou o Godofredo.



Então, aqui, foi terrível, porque começaram todos à pancada, e veio o Caldo e o senhor Mouchabièrre.

— Parem com isso! Silêncio! Já há algum tempo que eu e o senhor Mouchabièrre estamos a observar-vos. Olhem-me bem nos olhos! O que é que estão a engendrar? Hmm? — gritou o Caldo.

— Bem, estamos a jogar à roleta e fazem todos batota; eu ganhei, e... — disse o Rufus.

— Não senhor, tu não ganhaste nada. E ninguém vai mexer nas minhas moedas! Tenho a honra de vos cumprimentar — gritou o Alceste.

— Uma roleta! — gritou o Caldo. — Vocês estavam a jogar à roleta no pátio da escola! No chão?... Mas são moedas! Veja, senhor Mouchabièrre,

estes desgraçados estavam a jogar a dinheiro! Os vossos pais não vos disseram que o jogo é um horror que conduz à ruína e à prisão? Não sabem que não há nada pior para o Homem do que o jogo? Que uma vez apanhados nas garras desse vício estais perdidos, seus inconscientes! Senhor Mouchabiêre, vá tocar a campainha para o fim do intervalo; a roleta fica confiscada por mim, assim como o dinheiro. Ficam todos avisados.



À saída, fomos todos ter com o Caldo, como sempre que ele nos confisca alguma coisa, para lhe pedirmos que no-la devolva. O Caldo não estava a brincar e olhou para nós com um ar furioso. Deu a roleta ao Godofredo e disse-lhe:

— Não felicito os vossos pais pelo género de presentes que eles vos dão. E que não vos torne a ver na escola com este jogo ridículo e nefasto!

Foi o senhor Mouchabiêre, a sorrir, quem nos deu as moedas.







A visita da Vovó

Estou muito contente porque a Vovó vem passar alguns dias connosco. A Vovó é a mamã da minha Mamã, eu gosto muito dela, dá-me sempre montes de presentes engraçados.

O Papá ia sair mais cedo do trabalho, esta tarde, para ir buscar a Vovó ao comboio, mas a Vovó chegou sozinha de táxi.

— Mamã! Não contávamos que chegasses tão cedo! — gritou a Mamã.

— Pois não — disse a Vovó —, apanhei o comboio das 15h e 47 em vez do das 16h e 13, foi por isso. E pensei que não valia a pena gastar dinheiro num telefonema para vos prevenir... Como crescestes, meu garoto! Estás um verdadeiro homenzinho! Vem e dá-me um beijinho. Sabes, tenho coisas bonitas para ti dentro da minha mala grande que deixei na estação!... A propósito, e o teu marido, onde é que ele está?

— Pois é verdade, ele foi-te buscar à estação, coitado! — respondeu a Mamã.

Então a Vovó desatou a rir, tanto que quando o Papá chegou ela ainda estava a rir.

— Diz lá, Vovó! Diz lá, Vovó! E os presentes? — gritei eu.

— Nicolau! Vê lá se te calas! Não tens vergonha? — disse-me a Mamã.

— Mas ele tem toda a razão, o meu anjinho. Só que, como não estava ninguém na estação à minha espera, eu preferi deixar lá ficar a minha mala, está muito pesada. Pensei que talvez o meu genro a pudesse ir lá buscar... — disse a Vovó.

O Papá olhou para a Vovó e tornou a sair sem dizer nada. Quando voltou tinha um ar um tanto ou quanto cansado. Na verdade a mala da Vovó estava tão pesada e gorda que o Papá teve que a trazer com as duas mãos.

— O que é que traz aqui dentro? Chumbo? — perguntou o Papá.

O Papá tinha-se enganado; a Vovó não trazia chumbo, mas sim um jogo de construções para mim, e um Jogo da Glória (já tenho dois), e uma bola vermelha, e um automóvel pequenino, e um carro de bombeiros e um pião com música.

— Vais estragar o rapaz — gritou a Mamã.

— Estragar o meu Nicolau? O meu pequenino? O meu anjo? Nunca na vida! Vem dar-me um beijinho, Nicolau! — disse a Vovó.

Depois do beijinho a Vovó perguntou onde é que ia dormir, para poder começar a arrumar as suas coisas.

— A cama do Nicolau é muito pequena — disse a Mamã. — É claro que

temos o sofá da sala, mas penso que ficarás melhor comigo, no meu quarto...

— Não senhora, não senhora — disse a Vovó. — Ficarei muito bem no sofá. A minha ciática não me tem incomodado.

— Não, não, não! Não consentimos que durmas no sofá! Não é verdade, querido? — disse a Mamã.

— Não — disse o Papá olhando para a Mamã.

O Papá levou a mala da Vovó para o quarto, e enquanto a Vovó arrumava as suas coisas, ele voltou para a sala, e como sempre faz sentou-se na poltrona com o seu jornal, e eu brincava com o pião, mas não era lá muito divertido porque é um brinquedo para bebés.



— Não podes ir fazer isso para mais longe? — perguntou-me o Papá.

E a Vovó chegou, sentou-se numa cadeira e perguntou-me se eu gostava do pião e se eu sabia brincar com ele. Eu mostrei à Vovó que sabia, e a Vovó ficou muito admirada e muito contente, e pediu-me para eu lhe dar um beijinho. Depois pediu ao Papá para lhe emprestar o jornal, uma vez que não tinha tido tempo de o comprar antes do comboio partir. O Papá levantou-se, deu o jornal à Vovó, que se sentou na poltrona do Papá porque a luz é melhor para ler.

— Para a mesa! — gritou a Mamã.

Fomos jantar, e foi incrível. A Mamã tinha feito peixe frio com montes de maionese (eu gosto muito de maionese), e depois havia pato com ervilhas, e depois queijo, e depois um bolo com creme, e depois fruta, e a Vovó deixou-me repetir de tudo duas vezes, e do bolo, depois da segunda vez, até me deu mais um bocadinho do dela.

— Ele vai ficar doente — disse o Papá.

— Oh, uma vez só não lhe pode fazer mal — disse a Vovó.



E depois a Vovó disse que estava muito cansada da viagem, e que queria ir já deitar-se. Deu beijos a toda a gente, e depois o Papá disse que também estava muito cansado, que tinha que estar cedo no escritório no dia seguinte, porque tinha saído hoje mais cedo para ir buscar a Vovó à estação, e toda a gente se foi deitar.

Eu estive muito doente durante a noite, e a primeira pessoa que me veio ver foi o Papá, que veio a correr da sala. A Vovó, que também tinha acordado, estava muito preocupada, disse que não era normal, e perguntou se tinham consultado o médico por causa do miúdo. E depois eu adormeci.

De manhã a Mamã veio acordar-me e o Papá entrou no meu quarto.

— Não podes dizer à tua mãe para se despachar? — perguntou o Papá. — Há uma hora que está no quarto de banho! O que estará a fazer!

— Está a tomar banho — disse a Mamã. — Ela pode tomar banho, não?

— Mas eu estou cheio de pressa! — gritou o Papá. — Ela não vai a nenhum sítio! E eu tenho que ir para o escritório! Vou chegar atrasado!

— Cala-te! Ela vai ouvir-te! — disse a Mamã.

— Que me oiça! Depois da noite que passei naquele maldito sofá, eu... — gritou o Papá.

— À frente do miúdo, não! — disse a Mamã, que ficou toda vermelha e aborrecida. — Oh! Eu vi logo, vi logo mal ela chegou que ias ser desagradável com ela! É claro, quando se trata da minha família, é sempre a mesma coisa. Pelo contrário, o teu irmão Eugénio, por exemplo...

— Bom, bom, vá lá. Deixa o Eugénio em paz e pede à tua mãe para te dar a lâmina de barbear e o sabão. Faço a barba na cozinha — disse o Papá.

Quando o Papá chegou para o pequeno-almoço, a Vovó e eu já estávamos à mesa.

— Despacha-te, Nicolau. Tu também vais chegar atrasado! — disse-me o Papá.

— Como? — disse a Vovó. — Vai mandá-lo para a escola depois da noite que ele passou? Olhe bem para ele! Está tão pálido, o pobrezinho. Estás cansado, não estás, meu garoto?



— Oh, sim — disse eu.

— Ah, veem? Eu continuo a pensar que deviam consultar um médico — disse a Vovó.

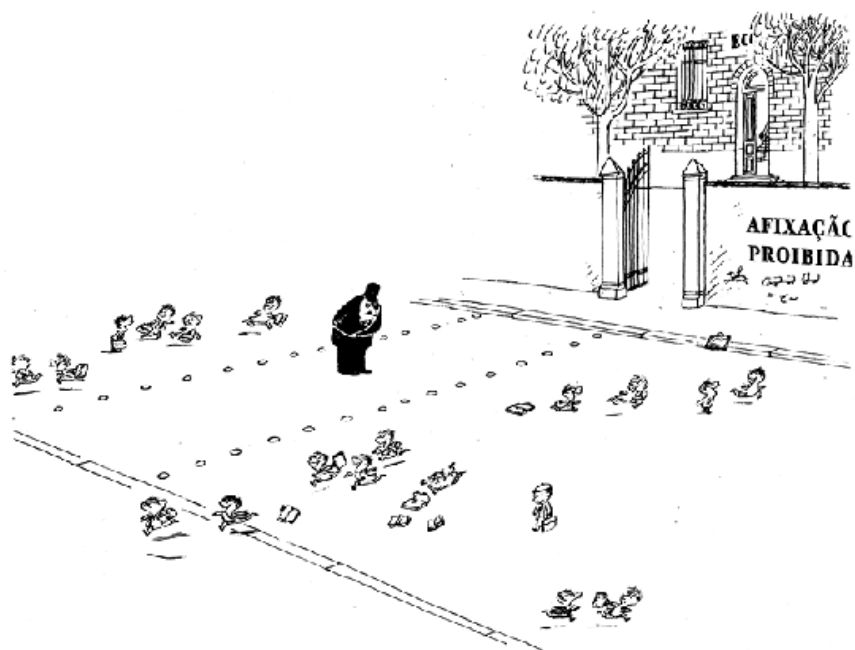
— Não, não, o Nicolau vai para a escola! — disse a Mamã, que chegou com o café.

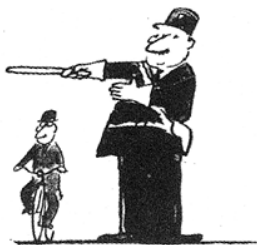
Então eu desatei a chorar, e disse que estava muito cansado e muito pálido, a Mamã ralhou-me, a Vovó disse que não se queria meter, que não era nada com ela, mas que pensava que não era drama nenhum se eu não fosse à escola um dia, e que ela não tinha muitas ocasiões para estar com o seu menino, e a Mamã disse está bem, está bem, só por esta vez, mas que não ficava lá muito satisfeita, e a Vovó disse-me para eu lhe dar um beijinho.

— Bom, eu vou-me embora. Vou tentar não chegar tarde — disse o Papá.

— De qualquer maneira, por favor, não mudem o vosso dia a dia por minha causa. Façam de conta que eu não estou cá — disse a Vovó.







A lição de código

Algumas vezes, ao ir para a escola encontro alguns colegas, e divertimo-nos imenso. Vemos as montras, passamos rasteiras, atiramos as pastas para o chão e depois temos que correr imenso para não chegarmos tarde à escola, como aconteceu hoje depois do almoço com o Alceste, o Eudes, o Rufus e o Clotário, que vivem pertinho de mim.

Atravessávamos a rua a correr para chegarmos à escola (a campainha já tinha tocado), quando o Eudes passou uma rasteira ao Rufus, que caiu, levantou-se e disse ao Eudes: «Anda cá, se és homem!» Mas o Eudes e o Rufus não puderam andar à pancada porque o polícia, que está ali para que os carros não nos atropelem, ficou aborrecido; chamou-nos a todos para o meio da rua e disse-nos:

— Mas que maneira é esta de atravessar a rua? Não vos ensinam nada na escola? Vão acabar por ser atropelados com essas palhaçadas todas. Estou muito admirado contigo, Rufus; vou ter que falar com o teu pai!

O pai do Rufus é polícia e todos os polícias conhecem o pai do Rufus, o que por vezes é muito aborrecido para o Rufus.

— Oh! Não, senhor Badoule, eu não torno a fazer! E depois a culpa foi do Eudes, foi ele que me fez cair! — disse o Rufus.

— Hipócrita! — gritou o Eudes.

— Anda cá, se és homem! — gritou o Rufus.

— Silêncio! — gritou o polícia. — Isto não pode continuar assim; tenho que resolver este problema. Agora vão para a escola que já estão atrasados.

Entrámos na escola e o polícia mandou passar os carros que estavam parados.

Quando voltámos do intervalo, para a última hora de aula da tarde, a professora disse:

— Meninos, não vamos estudar Gramática, como está no nosso horário...

Fizemos todos: «Ah!», menos o Aniano, que é o menino querido da professora e que sabe sempre tudo; a professora bateu com a régua em cima da secretária e depois disse:

— Silêncio! Não vamos estudar Gramática porque aconteceu, há pouco, algo de muito sério: o polícia que zela pela vossa segurança foi-se queixar ao

Senhor Diretor. Disse-lhe que vocês atravessavam a rua como uns selvagens, a correr e a fazer palhaçadas, pondo a vossa vida em perigo. Devo mesmo dizer que eu também vos tenho visto, muitas vezes, correr como uns malucos pelas ruas. Por isso e para vosso bem, o Senhor Diretor pediu-me para vos dar uma lição de Código da Estrada. Godofredo, se o que eu estou a dizer não lhe interessa, tenha ao menos a delicadeza de não distrair os seus colegas. Clotário! O que é que eu acabei de dizer?

O Clotário ficou de castigo, a professora deu um grande suspiro e perguntou:

— Será que algum de vocês me sabe dizer o que é o Código da Estrada?

O Aniano, o Maixent, o Joaquim, eu e o Rufus levantámos o dedo.

— Muito bem! Maixent? — disse a professora.

— O Código da Estrada — disse o Maixent — é um livro pequenino que nos dão na escola de condução e que é preciso saber de cor para tirar a carta. A minha mãe tem um. Mas ela não passou no exame porque ela disse que o examinador lhe fez perguntas que não estavam no livro...

— Bom! Está bem, Maixent — disse a professora.

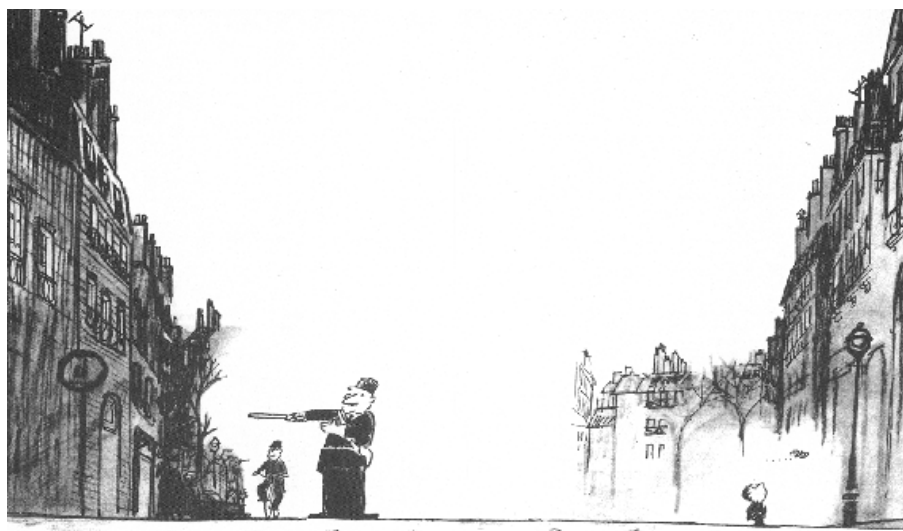
— ... E depois a minha mãe disse que ia mudar de escola de condução porque prometeram-lhe que ela tirava a carta, e...

— Eu já disse: está bem! Maixent. Sente-se! — gritou a professora. — Baixe o braço, Aniano, depois pergunto-lhe a si. O Código da Estrada é o conjunto de regras que regula a segurança de quem anda na estrada. Não só para os automobilistas, mas também para os peões. Para se ser um bom automobilista, é preciso primeiro ser um bom peão. E eu penso que vocês querem ser todos bons automobilistas, não é verdade? Ora vamos lá a ver... Quem sabe dizer quais são os cuidados que se devem ter para atravessar a rua?... Sim, Aniano.

— Bah! — disse o Maixent. — Ele nunca atravessa a rua sozinho. A mãe é que o traz à escola e de mão dada!

— É mentira! — gritou o Aniano. — Já vim para a escola sozinho. E ninguém me dá a mão!

— Silêncio! — gritou a professora. — Se continuam assim, vamos estudar Gramática e o pior é para vocês se, um dia mais tarde, não forem capazes de conduzir um automóvel como deve ser. Assim, Maixent conjugue a frase: «Devo prestar atenção ao atravessar a rua e verificar se a passagem está livre e não atravessar a rua a correr como um maluco».



A professora foi ao quadro e fez-nos um desenho: quatro linhas que se cruzavam.

— Isto é um cruzamento — explicou a professora. — Para atravessar devem utilizar as passagens reservadas aos peões, aqui, aqui, aqui e aqui. Se estiver lá um polícia devem esperar que ele faça sinal para atravessar. Se houver semáforos, devem olhar para eles e só atravessar quando ficar verde para os peões. De qualquer maneira, devem sempre olhar para a direita e para a esquerda antes de atravessar, e sobretudo nunca devem correr. Nicolau, repita o que eu acabei de dizer.

Eu repeti, disse quase tudo menos os semáforos, mas a professora disse que estava bem, e deu-me um BOM. O Aniano teve MUITO BOM e quase todos tiveram entre SUFICIENTE e BOM, menos o Clotário, que, como estava de castigo, disse que não sabia que também tinha que ouvir.

E depois o diretor entrou.

— Levantem-se! — disse a professora.

— Sentem-se! — disse o diretor. — Pois bem! Então, deu a lição de Código aos seus alunos?

— Sim, Senhor Diretor — disse a professora. — Estiveram com muita atenção, estou convencida de que perceberam bem.

Então o diretor fez um grande sorriso e disse:

— Muito bem. Perfeito! Espero que já não haja mais queixas do polícia por causa do comportamento dos meus alunos. Enfim, veremos tudo isso na prática.

O diretor saiu; nós sentámo-nos outra vez, e depois a campainha tocou; levantámo-nos para sair, mas a professora disse-nos:

— Mais devagar, mais devagar! Vão descer com cuidado e eu vou ver como é que atravessam a rua. Veremos se compreenderam a lição.

Sáímos da escola com a professora, e o polícia quando nos viu fez um grande sorriso. Mandou parar os carros e fez sinal para atravessarmos.

— Vão lá — disse a professora. — Mas sem correr! Fico a ver-vos daqui.

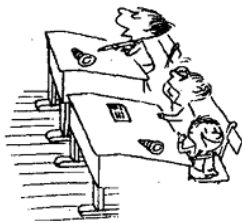
Então atravessámos a rua, muito devagar, uns atrás dos outros, e quando chegámos ao outro lado vimos a professora a falar com o polícia, no passeio, a rirem-se, e o diretor que nos observava da janela do escritório.

— Muito bem! — gritou a professora. — O senhor polícia e eu estamos muito contentes convosco. Até amanhã, meninos!

Então, voltámos todos a atravessar a rua a correr para nos despedirmos.







Uma aula de coisas

A professora disse-nos que amanhã íamos ter uma aula especial, uma aula de coisas; cada um de nós deverá levar um objeto, uma lembrança de viagem, de preferência. Vamos falar dos objetos e vamos estudá-los, e cada um de nós vai explicar a sua origem e as recordações que estão relacionadas com eles. Será assim uma aula de coisas, uma aula de Geografia e um exercício de redação.

— Mas o que é que temos que trazer, professora? — perguntou o Clotário.

— Eu já disse, Clotário — respondeu a professora. — Um objeto interessante, que tenha uma história. Por exemplo, há uns anos atrás um dos meus alunos trouxe um osso de dinossauro, que o tio tinha encontrado quando andou em escavações. Alguém sabe dizer o que é um dinossauro?

O Aniano levantou a mão, mas como desatámos todos a falar das coisas que havíamos de trazer, e com o barulho que fazia a professora a bater com a régua na secretária, não conseguimos ouvir o que aquele menino bonito da professora, o Aniano, estava a dizer.

Ao chegar a casa, disse ao Papá que tinha que levar para a escola uma coisa que fosse uma lembrança fabulosa de alguma viagem.

— Essas aulas práticas são uma ótima ideia — disse o Papá. — Vendo as coisas vocês nunca mais se esquecem. A tua professora é muito boa, muito moderna. Mas, vamos lá a ver... O que é que podes levar?

— A professora disse que o que era mais engraçado era um osso de dinossauro — expliquei eu.

O Papá arregalou os olhos muito admirado e perguntou:

— Um osso de dinossauro? Eis uma ideia! E onde queres que vá buscar um osso de dinossauro? Não, Nicolau, com certeza que vamos ter que nos contentar com algo mais simples.

Então eu disse ao Papá que não queria levar coisas simples, que queria levar coisas que pusessem os meus colegas boquiabertos de espanto, e o Papá respondeu que não tinha coisas que pusessem os meus colegas boquiabertos. Então eu disse que se era assim não valia a pena levar coisas que não surpreendessem ninguém e que até era melhor nem ir à escola amanhã, e o Papá respondeu que começava a ficar farto e que se calhar não me deixava comer a sobremesa, e que a minha professora tinha ideias patetas; e eu dei um pontapé no sofá da sala. O Papá perguntou-me se eu queria levar uma

bofetada, eu desatei a chorar, e a Mamã veio a correr da cozinha.

— O que foi agora? — perguntou a Mamã. — Não vos posso deixar sozinhos, aos dois, que há logo problemas. Nicolau, para de chorar! O que é que se passa?

— O que se passa é que o teu filho está furioso porque eu lhe recusei um osso de dinossauro — disse o Papá.

A Mamã olhou para nós, para o Papá e para mim, e perguntou se estavam todos a ficar malucos naquela casa. Então o Papá explicou-lhe e a Mamã disse-me:

— Mas, então, Nicolau, não é preciso fazeres esse drama. Olha, no armário há lembranças muito interessantes das nossas viagens. Por exemplo, a concha grande que comprámos em Bains-les-Mers, quando estivemos lá de férias.

— É verdade! Essa concha vale mais do que todos os ossos de dinossauro do mundo — disse o Papá.



Eu disse que não sabia se a concha ia espantar os meus amigos, mas a Mamã disse que eles iam achá-la fabulosa e que a professora me daria os parabéns. O Papá foi buscar a concha, que é muito grande e tem escrito por baixo «Recordação de Bains-les-Mers», e o Papá disse-me que eu ia espantar toda a gente se contasse as férias em Bains-les-Mers, a nossa excursão à ilha das Brumas e até mesmo o preço que pagámos na pensão. E se isso não espantasse os meus colegas, era porque os meus colegas eram difíceis de espantar. A Mamã riu-se e disse para irmos para a mesa, e no dia seguinte eu fui para a escola, todo orgulhoso com a minha concha embrulhada em papel castanho.

Quando cheguei à escola, já lá estavam todos os meus colegas e eles perguntaram-me o que é que eu tinha trazido.

— E vocês? — perguntei eu.

— Ah, só mostro na aula — respondeu o Godofredo, que gosta muito de fazer mistérios.

Os outros também não quiseram dizer, menos o Joaquim, que nos mostrou uma faca, a mais engraçada que se possa imaginar.

— É um corta-papel que o meu tio Abdon trouxe de Toledo como presente para o meu pai. É de Espanha — explicou-nos o Joaquim.

Mas o Caldo — é o nosso vigilante, mas esse não é o seu verdadeiro nome — viu o Joaquim e confiscou-lhe o corta-papel, e disse que já tinha proibido

milhares de vezes que trouxessem objetos perigosos para a escola.

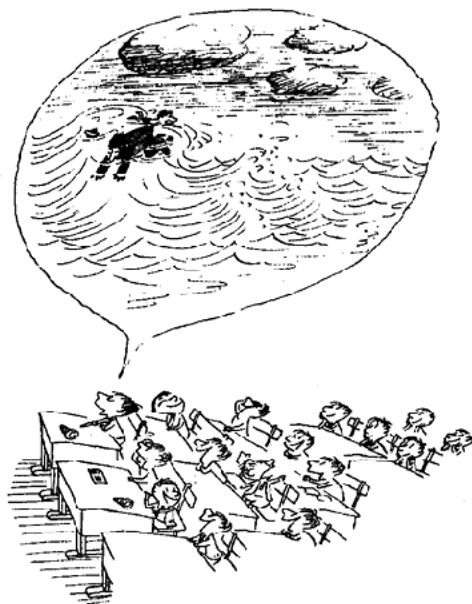
— Mas, senhor, foi a professora que disse para eu trazer! — gritou o Joaquim.

— Ah? Foi a professora que disse para trazer essa arma para a sala? Muito bem. Não só vou confiscar este objeto como vai ainda conjugar a frase «Não devo mentir ao senhor vigilante quando ele me faz uma pergunta sobre um objeto particularmente perigoso que eu trouxe às escondidas para a escola». É inútil chorar, e os outros calem-se se não querem que eu os castigue também!

E o Caldo foi tocar a campainha, nós pusemo-nos em fila, e quando entrámos na sala o Joaquim continuava a chorar.

— Começamos bem — disse a professora. — Joaquim, o que se passa?

O Joaquim explicou-lhe, a professora deu um suspiro e disse que não era lá muito boa ideia trazer uma faca para a escola, mas que ela ia resolver tudo com o senhor Dubon, é este o verdadeiro nome do Caldo.



— Bom — disse a professora —, ora vamos lá a ver o que é que trouxeram. Ponham os objetos à vossa frente, em cima das carteiras.

Então tirámos todos os objetos que tínhamos trazido: o Alceste tinha trazido uma lista de um restaurante onde tinha comido muito bem com os pais, na Bretanha; o Eudes tinha um postal da Côte d'Azur; o Aniano um livro de geografia que os pais tinham comprado na Normandia; o Clotário tinha trazido uma desculpa porque não tinha encontrado nada em casa, porque ele não tinha compreendido bem, ele pensava que tinha que trazer ossos; e o Maixent e o Rufus, esses imbecis, trouxeram cada um uma concha.

— Sim, mas eu encontrei a minha concha na praia, uma vez que salvei um homem que se estava a afogar — disse o Rufus.

— Não me faças rir — gritou o Maixent. — Primeiro, tu nem sequer sabes

boiar e depois, se encontraste a tua concha na praia, porque é que ela tem escrito por baixo: «Recordação da Plage-des-Horizons»?

— Boa! — gritei eu.

— Queres levar uma bofetada? — perguntou-me o Rufus.

— Rufus, saia! — gritou a professora. — Fica de castigo na quinta-feira. Nicolau, Maixent, estejam sossegados se não querem ser também castigados!

— Eu trouxe uma lembrança da Suíça — disse o Godofredo com um grande sorriso, todo orgulhoso. — É um relógio de ouro que o meu pai comprou lá.

— Um relógio de ouro? — gritou a professora. — E o seu pai sabe que trouxe o relógio para a escola?

— Bem, não — disse o Godofredo. — Mas quando eu lhe disser que foi a senhora que me pediu para eu trazer, ele não se zanga comigo.

— Que fui eu o quê?... — gritou a professora. — Seu inconsciente! Faça o favor de guardar essa joia na sua algibeira!

— Eu, se não levar o meu corta-papel, o meu pai vai-se zangar comigo — disse o Joaquim.

— Ó Joaquim, eu já lhe disse que vou resolver esse problema — gritou a professora.

— Senhora, não consigo encontrar o relógio! Guardei-o na minha algibeira, como me disse, mas já não o encontro! — gritou o Godofredo.

— Enfim, Godofredo — disse a professora. — O relógio tem que estar aí. Já procurou no chão?

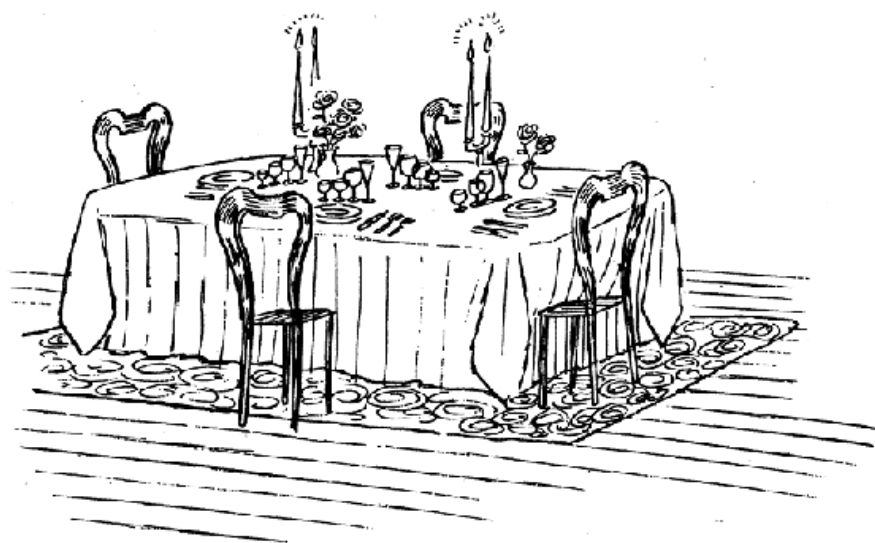
— Sim, senhora — respondeu o Godofredo. — Não está no chão.

Então a professora aproximou-se do lugar do Godofredo, olhou para todo o lado, e depois pediu-nos para procurarmos também, com cuidado para não pisarmos o relógio, e o Maixent atirou a minha concha ao chão, e então eu dei-lhe uma bofetada. A professora pôs-se a gritar, deu-nos alguns castigos, e o Godofredo disse que se não encontrássemos o relógio a professora tinha que ir falar com o pai, e o Joaquim disse que ela também tinha que ir falar com o pai dele por causa do corta-papel.

Mas ficou tudo resolvido porque o relógio estava no forro do casaco do Godofredo, o Caldo devolveu o corta-papel ao Joaquim e a professora tirou os castigos.

Foi uma aula muito interessante, e a professora disse que graças às coisas que tínhamos levado, ela nunca mais se ia esquecer desta aula.







Um jantar sem cerimónias

Hoje à noite vem cá a casa jantar o Sr. Moucheboume. O Sr. Moucheboume é o patrão do Papá, e ele vem com a Sr.^a Moucheboume, que é a esposa do patrão do Papá.

Cá em casa, há dias que se fala no jantar de hoje, e esta manhã o Papá e a Mamã estavam muito nervosos. A Mamã estava deveras atarefada, e o Papá ontem levou-a ao mercado de carro, o que é raro fazer. Eu acho isto tudo muito engraçado, parece o Natal, sobretudo quando a Mamã diz que não vai ter tudo pronto a horas.

E esta tarde quando eu voltei da escola, a casa estava muito engraçada, toda limpa e sem panos por cima dos móveis. Entrei na sala de jantar e estava lá a mesa elástica, com uma toalha branca por cima, e os pratos que têm ouro a toda a volta, aqueles de que quase nunca nos servimos. E depois, à frente de cada prato havia montes de copos, mesmo os altos e estreitos, o que me admirou, porque esses nunca saem do armário. E depois eu diverti-me imenso, porque com tudo isto a Mamã tinha-se esquecido de pôr um talher. Então eu fui a correr para a cozinha, e vi que a Mamã estava a falar com uma senhora toda vestida de preto e com um avental branco. A Mamã estava bastante bonita com o cabelo muito bem penteado.

— Mamã! — gritei. — Esqueceste-te de pôr um lugar na mesa!

A Mamã deu um grito e voltou-se de repente.

— Nicolau! Já te disse para não berrares assim, e para não entrares em casa como um selvagem. Assustaste-me, e eu não quero mais nada que me enerve — disse-me a Mamã.

Então eu pedi desculpa à Mamã; era mesmo verdade que ela estava nervosa, e depois expliquei de novo o problema do lugar que faltava na mesa.

— Não, não falta nenhum lugar. Vai fazer os teus trabalhos de casa e deixa-me sossegada — disse a Mamã.

— Não, não, falta um lugar — disse eu. — Sou eu, o Papá, tu, o Sr. Moucheboume e ainda a Sr.^a Moucheboume; são cinco pessoas e só há quatro pratos, assim quando formos jantar, se tu, ou o Papá ou o Sr. Moucheboume, ou a Sr.^a Moucheboume não tiverem lugar, vai haver problema!

A Mamã deu um grande suspiro, sentou-se no banco, pegou-me no braço e disse-me que estavam lá todos os lugares, que eu tinha que ter paciência,

que um jantar como este ia ser muito aborrecido, e que por isso eu não ia comer à mesa com os outros. Então eu desatei a chorar, e disse que um jantar como este não era nada aborrecido, que, pelo contrário, eu me ia divertir imenso, e que se não me deixavam divertir com os outros, matava-me; era verdade, não estava a brincar, não!

E depois chegou o Papá, do escritório.

— Então, está tudo pronto? — perguntou.

— Não, não está — gritei eu. — A Mamã não quer pôr um lugar para mim na mesa para que eu me divirta convosco! Não é justo! Não é justo! Não é justo!

— Oh! Já estou farta — gritou a Mamã. — Há dias que ando a trabalhar e a preocupar-me por causa deste jantar! Quem não se vai sentar à mesa sou eu! Pronto! É isso! Eu não me vou sentar à mesa! É assim! O Nicolau fica no meu lugar e acabou-se tudo! Perfeito! Com Mouchebome ou sem Mouchebome, estou farta! Arranjem-se sem mim!

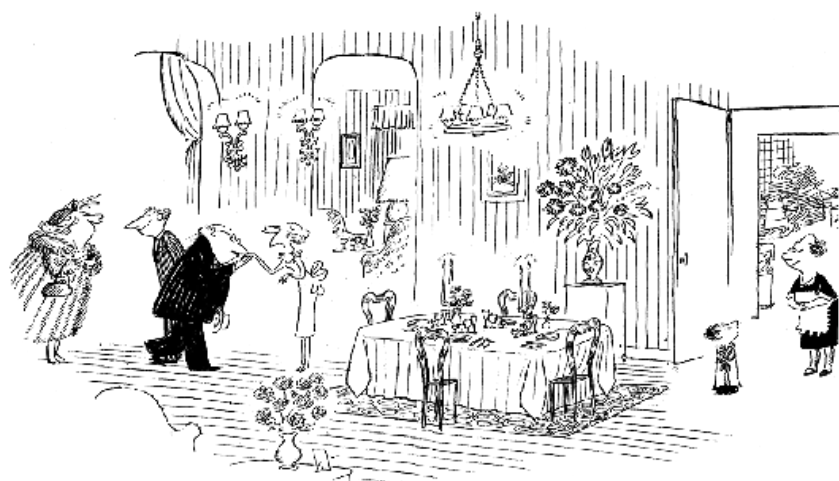
E a Mamã saiu batendo a porta da cozinha, e eu fiquei tão admirado que parei de chorar. O Papá passou a mão na cara, aproveitou o banco estar livre para se sentar, e depois pegou-me no braço.

— Bravo, Nicolau, bravo! Conseguiu pôr a tua mãe triste. Era isso que tu querias?

Eu disse que não, que não queria que a minha Mamã ficasse triste, que o que eu queria era divertir-me à mesa com os outros. Então o Papá disse-me que à mesa ia ser muito aborrecido, e que se eu não levantasse mais problemas e se comesse na cozinha, amanhã ele levava-me ao cinema, e depois ao Jardim Zoológico, e depois íamos lanchar e depois eu teria uma surpresa.

— A surpresa vai ser o pequeno automóvel azul que está na montra da loja da esquina? — perguntei eu.

O Papá disse que sim, então eu disse que estava de acordo porque eu gosto muito de surpresas e de agradar ao Papá e à Mamã. E depois o Papá foi buscar a Mamã, e voltaram os dois para a cozinha e ele disse-lhe que estava tudo resolvido e que eu já era um homem. E a Mamã disse que tinha a certeza que eu era um rapaz crescido e abraçou-me. Muito simpático. E depois o Papá perguntou se podia ver os aperitivos, e a senhora de preto com o avental branco tirou do frigorífico uma lagosta enorme com maionese a toda a volta, como na primeira comunhão da minha prima Felicidade, daquela vez que eu estive doente, e eu pedi se podia provar, mas a senhora de preto com um avental branco tornou a pôr a lagosta no frigorífico e disse que aquilo não era próprio para crianças. O Papá riu-se e disse que se sobrasse alguma coisa eu provaria amanhã de manhã com o café, mas que era melhor não contar com isso.



Comi na mesa da cozinha, azeitonas, salsichas pequenas quentes, amêndoas, *vol-au-vent* e um pouco de salada de fruta. Nada mau.

— Bom, e agora, vai-te deitar — disse a Mamã. — Vais vestir um pijama lavado, o amarelo, e como ainda é cedo podes ler. Quando o senhor e a senhora Moucheboume chegarem eu vou lá chamar-te para vires cumprimentá-los.

— Eh!... Achas que isso é necessário? — perguntou o Papá.

— Mas é claro que sim. Estávamos de acordo quanto a isto — disse a Mamã.

— É que eu tenho medo que o Nicolau faça disparates — disse o Papá.

— O Nicolau é um rapaz grande e ele não vai fazer disparates — disse a Mamã.

— Nicolau, este jantar é muito importante para o Papá. Por isso tens que ser muito educado, dizes bom-dia, boa-tarde, só falas quando te perguntarem, e sobretudo nada de disparates. Prometido? — disse-me o Papá.

Eu prometi, era engraçado, o Papá assim tão nervoso. E depois eu fui-me deitar. Mais tarde ouvi tocarem à porta, falarem alto e depois a Mamã veio-me buscar.

— Põe o roupão que te deu a Vovó nos teus anos e vem — disse a Mamã.

Eu estava a ler uma história de *cow-boys* muito engraçada, então eu disse que não me apetecia descer, mas a Mamã olhou para mim com os olhos muito abertos, e eu vi que não era altura para brincadeiras.

Quando chegámos à sala, o senhor e a senhora Moucheboume estavam lá, e quando me viram desataram a gritar.

— O Nicolau não quis deixar de vos vir cumprimentar — disse a Mamã.

— Vão desculpar-me mas eu não quis tirar-lhe essa alegria.

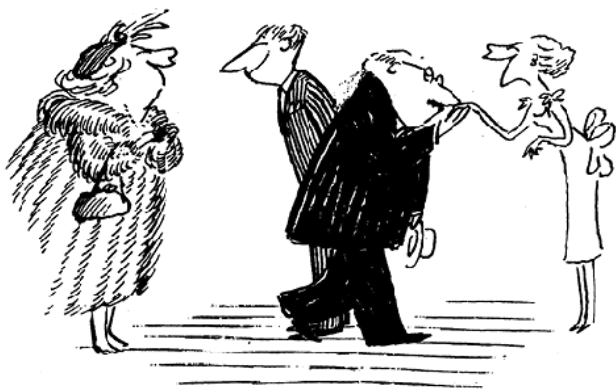


O senhor e a senhora Moucheboume fizeram mais algumas exclamações, eu cumprimentei, disse boa-noite, a Sr.^a Moucheboume perguntou à Mamã se

eu já tinha tido o sarampo, o Sr. Moucheboume perguntou se este rapazola ia bem na escola, e eu prestava muita atenção porque o Papá estava sempre a olhar para mim. E depois sentei-me numa cadeira enquanto os grandes falavam.

— Bem — disse o Papá. — Não fazemos nenhuma cerimónia convosco.

— É isto que nos dá prazer, uma noite em família, é maravilhoso! Sobretudo para mim, que sou obrigado a ir a todos esses banquetes, com a inevitável lagosta com maionese, e todo o tralará — disse o senhor Moucheboume.



Todos se riram, e depois a senhora Moucheboume disse que lamentava ter dado tanto trabalho à Mamã, que tinha já muito que fazer com a família. Mas a Mamã disse que não, que tinha sido um prazer, e que ela tinha sido muito ajudada pela criada.

— Tem sorte. Eu não tenho sorte com as empregadas! É muito simples, em minha casa elas não ficam — disse a Sr.^a Moucheboume.

— Oh, esta é uma pérola — disse a Mamã. — Já cá está há muito tempo connosco, e o que é muito importante é que ela adora o miúdo.

E depois a senhora de preto com o avental branco entrou e disse à Mamã que o jantar estava servido. O que me espantou, porque eu sabia que a Mamã também não ia comer com os outros.

— Bom, Nicolau, para a cama! — disse-me o Papá.

Então eu apertei a mão à senhora Moucheboume e disse-lhe: «adeus, minha senhora», apertei a mão ao senhor Moucheboume e disse-lhe: «adeus, senhor», apertei a mão à senhora de preto com o avental branco e disse-lhe: «adeus, minha senhora», e fui-me deitar.







A tômbola

Hoje, no fim das aulas, a professora disse-nos que a escola ia organizar uma tômbola, e explicou ao Clotário que uma tômbola era como uma lotaria: as pessoas tinham bilhetes numerados, e os números eram tirados à sorte, como na lotaria, e o número que saísse ganhava um prémio, e que o prémio era uma motocicleta.

A professora disse também que o dinheiro que fizessem na venda dos bilhetes serviria para fazer um terreno em que as crianças do bairro pudessem fazer desporto. Isso nós não percebemos muito bem, porque já temos um terreno vago fabuloso, onde fazemos montes de desportos, e mais, tem lá um carro velho formidável, não tem rodas, mas mesmo assim divertimo-nos à brava, e eu pergunto se no novo terreno irão lá pôr um automóvel. Mas o que a tômbola tem de engraçado são montes de pequenas cadernetas que a professora tirou da sua secretária, e disse-nos:

— Meus meninos, vocês é que vão vender os bilhetes para esta tômbola. Vou dar uma caderneta a cada um com cinquenta bilhetes. Cada bilhete custa cem escudos. Vendem os bilhetes aos vossos pais, aos vossos amigos, e até, porque não, às pessoas que passam na rua e aos vossos vizinhos. Não só terão a satisfação de trabalhar para o bem comum como darão prova de coragem ao ultrapassarem a vossa timidez.

E a professora explicou ao Clotário o que era o bem comum, e depois deu a cada um uma caderneta de bilhetes para a tômbola. Estávamos muito contentes.

À saída da escola, fomos todos para o passeio, cada um de nós com a sua caderneta cheia de bilhetes numerados, e o Godofredo disse-nos que ia vender os bilhetes todos de uma só vez, ao pai, que é muito rico.

— Ah, sim, mas assim não é brincar. O jogo é vendermos bilhetes às pessoas que não conhecemos. Assim é que é engraçado — disse o Rufus.

— Eu vou vender os meus bilhetes ao senhor da charcutaria, somos bons clientes e ele não pode recusar — disse o Alceste.

Mas mais tarde ficámos todos de acordo com o Godofredo, o melhor era vender os bilhetes aos nossos pais. O Rufus disse que não tínhamos razão, aproximou-se de um senhor que ia a passar, ofereceu-lhe os bilhetes, mas o senhor nem sequer parou e então fomos todos para casa, menos o Clotário,

que teve que voltar à escola porque se tinha esquecido da caderneta dos bilhetes na carteira.

Eu entrei em casa a correr com a caderneta de bilhetes na mão.

— Mamã! Mamã! O Papá está? — gritei eu.

— Será pedir-te muito que entres em casa como um ser civilizado? — perguntou a Mamã. — Não, o Papá não está. O que queres ao Papá? Fizeste algum disparate?

— Não, é porque ele vai-me comprar bilhetes para fazermos um terreno onde vamos poder fazer desportos, todos os rapazes do bairro, e talvez ponham lá um automóvel e o prémio é uma motocicleta e é uma tómbola — expliquei eu à Mamã.

A Mamã olhou para mim, abriu muito os olhos de espanto e depois disse:

— Não percebi nada da tua história, Nicolau. Falas com o teu pai quando ele chegar. Enquanto esperas vai fazer os teus trabalhos.



Fui logo para o quarto porque eu gosto de obedecer à Mamã, e eu sei que ela fica contente quando eu não levanto problemas. E depois ouvi o Papá entrar em casa, e desci a correr com a minha caderneta de bilhetes.

— Papá! Papá! — gritei. — Tens que me comprar bilhetes, é para uma tómbola, e eles vão pôr um automóvel no terreno, e vamos poder fazer desportos!

— Não sei o que é que ele tem — disse a Mamã ao Papá. — Chegou da escola mais excitado do que é costume. Penso que organizaram uma tómbola na escola, e ele quer vender-te os bilhetes.

O Papá riu-se e passou-me a mão pelos cabelos.

— Uma tómbola! É engraçado! Quando eu andava na escola organizámos várias — disse. — Havia concursos para ver quem vendia mais bilhetes, e eu ganhava sempre. É preciso dizer que eu não era tímido, e que não aceitava nunca uma recusa. Então, rapazinho, quanto custam os teus bilhetes?



— Cem escudos — disse eu. — Como tenho cinquenta bilhetes, já fiz a conta e dá cinco mil escudos.

E estendi a caderneta ao Papá, mas o Papá não pegou nela.

— No meu tempo era mais barato — disse o Papá. — Bom, dá-me um bilhete.

— Ah, não, não é um bilhete, é a caderneta toda. O Godofredo disse que o pai lhe ia comprar a caderneta toda, e concordámos todos fazer a mesma coisa!

— O que o pai do teu amigo Godofredo faz, a mim não me diz respeito! — respondeu-me o Papá. — Eu compro-te um bilhete, e se não quiseres não te compro nada! Pronto!

— Ah! Não é justo — gritei. — Se todos os outros pais vão comprar as cadernetas porque é que tu não compras?

E depois desatei a chorar, o Papá ficou muito aborrecido e a Mamã veio a correr da cozinha.

— O que é que aconteceu agora? — perguntou a Mamã.

— É que eu não compreendo como é que mandam os rapazes fazer um trabalho destes! Não pus o meu filho na escola para o transformarem num vendedor ambulante ou num mendigo. E depois, sabes, pergunto mesmo se essas tômbolas são legais! Vou mas é telefonar ao diretor da escola!

— Gostaria que tivesses um pouco de calma — disse a Mamã.

— Mas tu — disse eu a chorar ao Papá — disseste-me que vendias todos os bilhetes da tômbola e que eras incrível! Porque é que eu não tenho o direito de fazer o que fazem os outros?

O Papá franziu a testa, sentou-se, pôs-me entre os joelhos e disse:

— Claro, tens razão, Nicolau, mas só que não era a mesma coisa. Tínhamos que dar provas de iniciativa, que éramos capazes de nos desenrascarmos. Era um bom treino que nos preparava para as lutas difíceis da vida. Não nos diziam: «Vão vender isto ao vosso pai», não senhor...

— Mas o Rufus tentou vender bilhetes a um senhor que ele não conhecia, e ele nem sequer parou! — disse eu.

— Mas quem te manda ir ter com pessoas que não conheces? — disse-me o Papá. — Porque não te diriges ao Blédurt, o nosso vizinho?

— Não sou capaz — disse eu.

— Está bem, eu acompanho-te — disse-me o Papá a sorrir. — Vou-te mostrar como se fazem negócios. Não te esqueças da caderneta.

— Não se demorem, o jantar está quase pronto — disse a Mamã.

Tocámos à porta do senhor Blédurt, e o senhor Blédurt veio abri-la.

— Olha! — disse o senhor Bléflurt. — Mas é o Nicolau e companhia.

— Venho vender-lhe uma caderneta de bilhetes, é para uma tómbola, para fazerem um terreno para nós podermos fazer desportos e custa cinco mil escudos — disse eu muito depressa ao senhor Blédurt.

— Não queres mais nada? — perguntou o senhor Blédurt.

— Então o que se passa, Blédurt? — perguntou o Papá. — É a tua forretice habitual que te faz falar, ou estás sem vintém?

— Ora diz-me, seu palerma, é uma moda nova vir a casa das pessoas pedir dinheiro? — respondeu o senhor Blédurt.

— Só mesmo tu, Blédurt, para não fazeres a vontade ao miúdo — gritou o Papá.

— Eu não estou a recusar nada ao miúdo — disse o senhor Blédurt. — Apenas me recuso a encorajá-lo a seguir o perigoso caminho para o qual o arrastam pais irresponsáveis. E já agora, porque é que não lhe compras tu a caderneta, sim?

— A educação do meu filho só a mim diz respeito, e não te reconheço o direito de fazeres juízos sobre assuntos que ignoras completamente! E depois a opinião de um forreta, eu... — disse o Papá.

— Um forreta que te empresta a máquina de cortar a relva sempre que precisas dela — disse o senhor Blédurt.

— Podes guardar a tua nojenta máquina — gritou o Papá. E eles começaram a empurrar-se e depois a senhora Blédurt, que é a esposa do senhor Blédurt, veio a correr.

— O que é que se passa aqui? — perguntou ela.

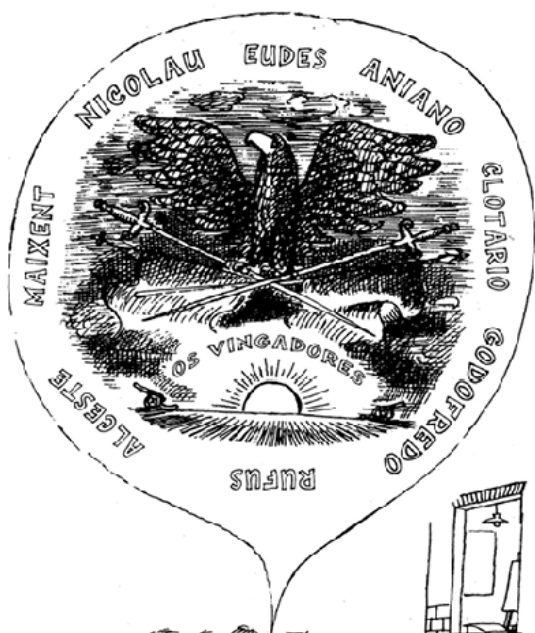
Então eu desatei a chorar, e depois expliquei-lhe o caso da tómbola e do terreno para os desportos, e que ninguém queria comprar os meus bilhetes, que não era justo e que eu me ia matar.

— Não chores, meu rapazinho. Eu vou comprar a tua caderneta — disse-me a senhora Blédurt.

A senhora Blédurt abraçou-me, pegou na carteira, pagou-me, eu dei-lhe a minha caderneta, e voltei para casa todo contente.

Quem está agora aborrecido é o Papá e o senhor Blédurt, porque a senhora Blédurt pôs a motocicleta na cave, e ela não a quer emprestar.







O emblema

Foi o Eudes quem teve a ideia, esta manhã, no recreio:

— Sabem uma coisa? Os rapazes do nosso grupo deviam ter um *emblema*! — disse ele.

— Um «emblema» — disse o Aniano.

— Ninguém te perguntou nada, estúpido hipócrita! — disse o Eudes.

E o Aniano foi-se embora a chorar e a dizer que não era nenhum hipócrita, e que ele lho ia provar.

— E para que é que serve um emblema? — perguntei eu.

— Bom, é para a gente se reconhecer — disse o Eudes.

— E precisamos de um emblema para nos reconhecermos? — perguntou o Clotário muito admirado.

Então o Eudes explicou que era para reconhecer aqueles que são do grupo, que isso era muito útil para quando os inimigos atacassem, e nós todos achámos essa ideia muito engraçada, e o Rufus disse que ainda seria melhor se os rapazes do grupo tivessem um uniforme.

— E onde é que vais encontrar um uniforme? — perguntou o Eudes. — E depois, com um uniforme ficávamos com ar de palhaços!

— Queres dizer que o meu pai tem um ar de palhaço? — perguntou o Rufus, que tem um pai que é polícia e que não gosta que façam troça da sua família.

Mas o Eudes e o Rufus nem tiveram tempo de andar à pancada porque o Aniano regressou com o Caldo, e apontou o Eudes com o dedo.

— É aquele, senhor — disse o Aniano.

— Que eu não saiba que volta a chamar hipócrita ao seu colega! — disse o Caldo, que é o nosso vigilante. — Olhe-me bem nos olhos! Compreendeu?

E foi-se embora com o Aniano, que estava todo contente.

— E como vai ser o emblema? — perguntou o Maixent.

— De ouro, vai ficar giro — disse o Godofredo. — O meu pai tem um de ouro.

— De ouro! — gritou o Eudes. — Mas és completamente doido! Como é que vais fazer para desenhares em cima do ouro?

E todos acharam que o Eudes tinha razão, e decidimos que os emblemas iam ser de papel e feitos por nós. E depois começámos a discutir para sabermos como é que ia ser o emblema.

— O meu irmão é membro de um clube e tem um emblema impecável, com uma bola de futebol e uma coroa de louros à volta — disse o Maixent.

— É giro a coroa de louros — disse o Alceste.

— Não, o que era giro eram duas mãos a apertarem-se para mostrar que somos um grupo de amigos — disse o Rufus.

— Devíamos pôr o nome do grupo: «o grupo dos Vingadores», e depois duas espadas cruzadas, e depois uma águia, e depois uma bandeira e os nossos nomes à volta — disse o Godofredo.

— E depois a coroa de louros — disse o Alceste.

O Eudes disse que eram coisas de mais, mas que lhe tínhamos dado algumas ideias, que ele ia desenhar o emblema na aula e que nos mostrava no próximo intervalo.

— Mas digam lá, rapazes, o que é um emblema? — perguntou o Clotário.



E depois a campainha tocou e fomos para a sala. Como o Eudes já tinha sido interrogado na aula de Geografia na semana passada, pôde trabalhar tranquilamente. Estava tão atarefado, o Eudes! Tinha a cara em cima do caderno, e fazia círculos com o compasso. Pintava com os lápis de cor, punha a língua de fora, e nós impacientes para ver o nosso emblema. E depois o Eudes terminou o trabalho, afastou a cabeça do caderno, fechou um olho para ver melhor e ficou com um ar muito satisfeito. E depois a campainha tocou para o intervalo.

Quando o Caldo mandou desfazer as filas, nós pusemo-nos todos à volta do Eudes, que, muito orgulhoso, mostrou o seu caderno. O emblema estava muito giro. Era redondo, com uma mancha de tinta no meio e outra ao lado; dentro era azul, branco, amarelo, e a toda a volta estava escrito: «EGMARJNC».

— Não está fabuloso? — perguntou o Eudes.

— Sim, mas o que é aquela mancha ali? — disse o Rufus.

— Não é uma mancha, imbecil, são duas mãos dadas — disse o Eudes.

— E a outra mancha, é também duas mãos dadas? — perguntei eu.

— Não, claro, porque é que havia de haver quatro mãos? A outra é uma mancha verdadeira. Não conta — disse o Eudes.

— E o que é que quer dizer: «EGMARJNC»? — perguntou o Godofredo.

— Bem, são as primeiras letras dos nossos nomes, olha! — disse o Eudes.

— E as cores? Porque pintaste de azul, de branco e de amarelo? — perguntou o Maixent.

— Porque eu não tinha lápis vermelho. O amarelo está em vez do vermelho — explicou-nos o Eudes.

— De ouro ficaria melhor — disse o Godofredo.

— E depois é preciso pôr a coroa de louros a toda a volta — disse o Alceste.

Então o Eudes ficou aborrecido, disse que nós não éramos amigos e que se não nos agradava, pior, não haveria emblema, e que não valia, na realidade, a pena preocupar-se e trabalhar na aula, essa é que era a verdade. Mas todos nós dissemos que o emblema estava muito giro, era mesmo verdade que estava muito giro, e que estávamos muito contentes por termos um emblema para reconhecermos aqueles que pertencem ao grupo, e decidimos andar sempre com ele, mesmo quando fôssemos grandes, para que as pessoas soubessem que éramos do grupo dos Vingadores. Então o Eudes disse que ia fazer os emblemas todos em casa, esta noite, e que nós devíamos trazer amanhã de manhã para a escola alfinetes para prendermos o emblema. Gritámos todos: «Hip, hip, hurra!» e o Eudes disse ao Alceste que ia tentar pôr uma coroa de louros, e o Alceste deu-lhe um bocadinho de fiambre da sua sandes.

Na manhã seguinte, quando o Eudes chegou ao recreio da escola, corremos todos para ele.

— Tens os emblemas? — perguntámos.

— Sim. Tive imenso trabalho, principalmente para os cortar em redondo — disse o Eudes.

E ele deu a cada um de nós um emblema, estavam mesmo bem: azul, branco, vermelho, com uns riscos castanhos por cima das mãos dadas.

— O que são estas coisas castanhas? — perguntou o Joaquim.

— É a coroa de louros — explicou o Eudes. — Eu não tinha lápis verde.

E o Alceste ficou muito contente. E como todos nós tínhamos alfinetes, pusemos os emblemas nos casacos, e ficámos muito orgulhosos, e depois o Godofredo olhou para o Eudes e perguntou-lhe:

— Porque é que o teu emblema é muito maior do que os nossos?

— Bem, o emblema do chefe é sempre maior do que o dos outros — disse o Eudes.

— E quem é que disse que tu eras o chefe? — perguntou o Rufus.

— Fui eu quem teve a ideia do emblema — disse o Eudes. — Por isso eu sou o chefe, e quem não gostar leva um murro no nariz!

— Nunca na vida! Nunca na vida! — gritou o Godofredo. — O chefe sou eu!

— Estás a brincar — disse eu.

— Vocês são todos uns miseráveis! — gritou o Eudes. — E depois, se é assim vocês têm que me devolver os meus emblemas!

— Queres ver o que eu vou fazer ao teu emblema? — gritou o Joaquim, e tirou o emblema, rasgou-o e atirou-o para o chão, deu-lhe pontapés e cuspiu-lhe em cima.



— É assim mesmo! — gritou o Maixent.

E todos nós tirámos os emblemas, atirámos com eles para o chão, demos-lhes pontapés e cuspiímos-lhes em cima.

— Ainda não acabou essa brincadeira? — perguntou o Caldo. — Não sei o que é que estão a fazer, mas ficam proibidos de continuar. Percebido?

E quando ele se foi embora, dissemos ao Eudes que ele não era camarada, que não falávamos mais com ele na nossa vida e que ele já não fazia parte do nosso grupo. O Eudes respondeu que não se importava e que, de qualquer maneira, ele não queria pertencer a um grupo de miseráveis. E foi-se embora com o seu emblema que era grande, tão grande como um prato.

E agora, para reconhecer aqueles que pertencem ao grupo, é fácil: os do grupo são aqueles que não têm emblema azul, branco e vermelho com «EGMARJNC» escrito à volta e duas mãos dadas, no meio, com uma coroa de louros castanha por baixo.



NINGUÉM SERÁ
IMPUNE NESTE
GRUPO DOS
VINGADORES





A mensagem secreta

Ontem, durante o exercício de História, na escola, passou-se uma coisa incrível. O Aniano, que é o melhor aluno da turma e o menino querido da professora, levantou o dedo e gritou:

— Senhora! Este aluno está a copiar!

— É mentira, estúpido mentiroso! — gritou o Godofredo.

Mas a professora aproximou-se, pegou na folha do Godofredo, na do Aniano, olhou para o Godofredo, que desatou a chorar, deu-lhe um zero, e no fim do exercício levou-o ao diretor. A professora voltou para a sala sozinha e disse-nos:

— Meus meninos, o Godofredo cometeu uma falta muito grave; não só copiou pelo seu companheiro como ainda persistiu em negá-lo, acrescentando a mentira à desonestidade. Por isso, o Senhor Diretor suspendeu o Godofredo por dois dias. Espero que lhe sirva de lição, ele tem de aprender que na vida a desonestidade não compensa. Agora, peguem nos vossos cadernos, vamos fazer um ditado.

No recreio, ficámos muito aborrecidos, porque o Godofredo era nosso amigo, e quando se é suspenso, é horrível porque os pais só levantam problemas e profíbem montes de coisas.

— É preciso vingar o Godofredo! — disse o Rufus. — O Godofredo faz parte do grupo, e nós temos de o vingar, desse estúpido mariquinhas do Aniano. Vai ser uma lição para o Aniano, e ele aprenderá que, na vida, fazer palhaçadas não compensa.



Nós estávamos todos de acordo, e depois o Clotário perguntou:

— E como é que vamos fazer para nos vingarmos do Aniano?

— Podemos esperá-lo à saída e caímos-lhe em cima — disse o Eudes.

— Não. Bem sabes que ele usa óculos, e que não lhe podemos bater — disse o Joaquim.

— E se não lhe falássemos mais? — disse o Maixent.

— Bah! — disse o Alceste. — De qualquer maneira, quase nunca lhe falamos, por isso ele nem dava por nada, que nós não lhe falávamos.

— Poderíamos talvez ameaçá-lo — disse o Clotário.

— E se estudássemos à brava para o próximo exercício, e fôssemos os primeiros, em vez dele? — disse eu.

— És maluco? — perguntou o Clotário batendo com o dedo na testa.

— Eu já sei — disse o Rufus. — Li numa história, numa revista, o herói, que era o bandido e usava uma máscara, roubava dinheiro aos ricos para dar aos pobres, e quando os ricos queriam roubar os pobres para reaverem o seu dinheiro, ele mandava-lhes, então, uma mensagem escrita: «Ninguém se ri impunemente do Cavaleiro Azul». E os inimigos ficavam cheios de medo, e não se atreviam a ir roubar.

— O que é que quer dizer: «impunemente»? — perguntou o Clotário.

— Mas se nós mandarmos uma mensagem ao Aniano ele fica a saber que fomos nós, mesmo que a gente use máscaras. E seremos castigados — disse eu.

— Não senhor — disse o Rufus. — Eu sei um truque que vi num filme em que os bandidos mandavam mensagens, para não se reconhecer a sua letra, escreviam as mensagens com letras recortadas dos jornais e coladas em folhas de papel, e ninguém os descobria até ao fim do filme!

Nós achámos que era uma ideia fabulosa porque o Aniano ia ficar tão cheio de medo da nossa vingança que, se calhar, saía da escola, e era muito bem feito para ele.

— E o que é que vamos escrever na mensagem? — perguntou o Alceste.

— Pois bem, vamos escrever: «Ninguém se ri impunemente do grupo dos Vingadores!» — disse o Rufus.

E todos nós gritámos: «Hip, hip, hurra!», e o Clotário perguntou o que é que queria dizer «impunemente», e decidimos que era o Rufus quem fazia a mensagem para amanhã.

E esta manhã, quando chegámos à escola, pusemo-nos todos à volta do Rufus, e perguntámos se ele tinha a mensagem.

— Sim — disse o Rufus. — Apesar de ter levantado problemas em minha casa porque eu recortei o jornal do meu pai, e o meu pai ainda não tinha acabado de o ler, e ele deu-me uma bofetada, e proibiu-me a sobremesa, que era pudim *flan*.

E depois o Rufus mostrou-nos a mensagem, estava escrita com imensas letras diferentes, e nós achámos todos que estava muito bem, menos o Joaquim, que disse que estava horrível, que não se conseguia ler lá muito bem.

— Quer dizer, eu não comi o pudim *flan*, trabalhei como um maluco com a tesoura e a cola, e este imbecil vem-me dizer que isto não está fabuloso? Para a próxima fazes tu a mensagem, toma! — gritou o Rufus.

— Ai é? — gritou o Joaquim. — E quem é que é imbecil? Imbecil és tu.

Então andaram à pancada e o Caldo, é o nosso vigilante, mas este não é o seu verdadeiro nome, veio a correr, e disse-lhes que já estava farto de os ver portarem-se como uns selvagens, e que ficavam os dois de castigo na quinta-feira. Felizmente ele não confiscou a mensagem porque o Rufus já a tinha dado ao Clotário, antes de começarem à pancada. Na sala, eu fiquei à espera que o Clotário me mandasse a mensagem; como sou eu que estou sentado mais perto do Aniano, era eu que devia pôr a mensagem na cadeira dele, sem ele ver. Assim, quando o Aniano se voltasse, via o papel e fazia uma cara de pateta.

Mas o Clotário estava a olhar para a mensagem, debaixo da carteira, e fazia perguntas ao Maixent, que estava sentado ao lado dele. E de repente a professora gritou:

— Clotário! Repita o que eu acabei de dizer!

E como o Clotário, já de pé, não dizia nada, a professora disse:

— Muito bem, muito bem. Vamos lá a ver se o seu vizinho está com mais atenção do que você... Maixent, repita lá, se faz favor, o que eu acabei de dizer.

Então o Maixent pôs-se de pé, e desatou a chorar, e a professora disse ao Clotário e ao Maixent para conjugarem em todos os tempos do indicativo e do conjuntivo a frase: «Devo estar com atenção nas aulas, em vez de me distrair a fazer parvoíces, porque eu estou na escola para aprender e não para me distrair ou me divertir».

E depois o Eudes, que está sentado atrás do nosso banco, passou a mensagem para o Alceste. O Alceste passou-ma, e a professora gritou:

— Mas vocês hoje estão com o diabo no corpo! Eudes, Alceste, Nicolau! Mostrem-me esse papel! Vá, vamos! Não vale a pena escondê-lo, já vos vi com ele! Então? Estou à espera!

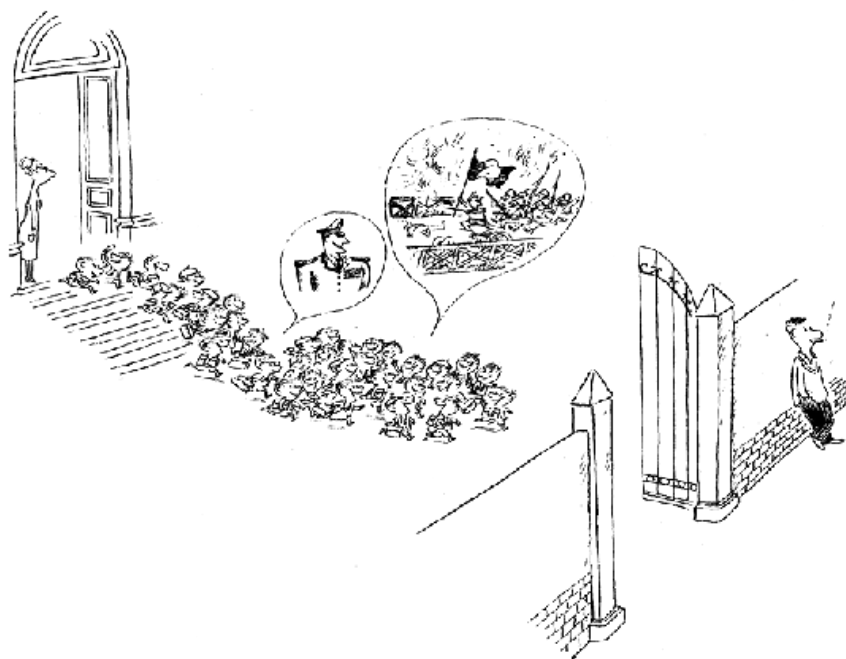
O Alceste ficou todo vermelho, e eu desatei a chorar. O Eudes disse que não tinha culpa, e a professora veio buscar a mensagem; leu-a, abriu muito os olhos, olhou para nós e disse:

— «Ninguém se ri impunemente do grupo dos Vingadores»? O que é esta algaraviada?... Oh, nem quero saber, não me interessa! Era melhor que trabalhassem na aula em vez de andarem a fazer disparates. A propósito, ficam, os três, de castigo, na quinta-feira.

No recreio, o Aniano gozava. Mas não tem razão nenhuma para gozar, esse mariquinhas.

Porque, como dizia o Clotário, impunemente ou não, ninguém se ri do grupo dos Vingadores!







O Jonas

O Eudes, que é aquele amigo muito forte e que gosta muito de dar murros nos narizes dos outros, tem um irmão mais velho que se chama Jonas e que foi para a tropa. O Eudes está muito orgulhoso do seu irmão, está sempre a falar dele.

— Recebemos uma fotografia do Jonas de uniforme — disse-nos ele um dia. — Ele é fantástico! Amanhã trago-vos a fotografia.

E o Eudes trouxe-nos a fotografia, e o Jonas estava muito bem com a sua boina e um grande sorriso todo contente.

— Não tem divisas — disse o Maixent.

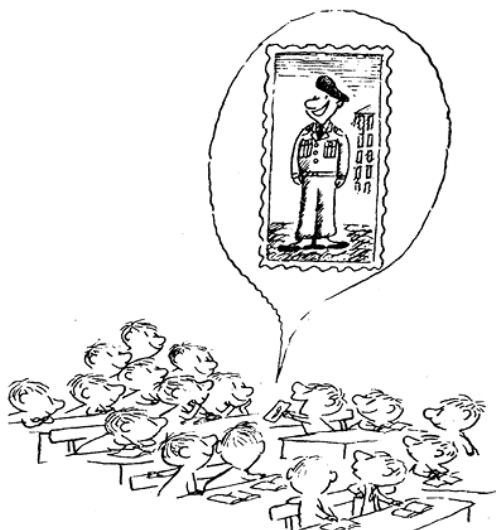
— Bem, é porque ele ainda é novo — explicou o Eudes. — Mas ele vai ser certamente oficial e vai comandar montes de soldados. De qualquer forma tem uma espingarda.

— Ele não tem um revólver? — perguntou o Joaquim.

— Claro que não — disse o Rufus. — Os revólveres são para os oficiais. Os soldados só têm espingardas.

Esta conversa não agradou nada ao Eudes.

— O que é que tu sabes disto? — disse o Eudes. — O Jonas tem um revólver porque vai ser oficial.



— Não me faças rir — disse o Rufus. — O meu pai tem um revólver.

— O teu pai não é oficial! É agente da polícia. Não é esperteza nenhuma ter um revólver quando se é polícia! — gritou o Eudes.

— Um agente da polícia é como um oficial. E depois o meu pai tem um quépi! O teu irmão tem algum quépi? — gritou o Rufus.

E o Eudes e o Rufus desataram à pancada.

Outra vez, o Eudes contou-nos que o Jonas tinha partido em manobras com o seu regimento e que tinha feito coisas incríveis, que ele tinha morto montes de inimigos e que o general lhe tinha dado os parabéns.

— Nas manobras não se matam inimigos — disse o Godofredo.

— É a fingir. Mas mesmo assim é muito perigoso — explicou o Eudes.

— Ah! não, ah! não. Se é a fingir não vale! Assim é muito fácil! — disse o Godofredo.

— Queres levar um murro no nariz? — perguntou o Eudes. — E o murro não é a fingir!

— Experimenta lá! — disse-lhe o Godofredo.

O Eudes experimentou, deu-lhe um murro e depois andaram à pancada.

A semana passada o Eudes contou-nos que o Jonas tinha ficado de sentinela pela primeira vez, e que se o escolheram para ficar de sentinela foi porque ele era o melhor soldado do regimento.

— E é só o melhor soldado do regimento que fica de sentinela? — perguntei eu.

— E então? Querias que pusessem um imbecil a guardar o regimento? Ou um traidor que deixasse entrar os inimigos na caserna? — disse-me o Eudes.

— Que inimigos? — perguntou o Maixent.

— E depois, primeiro, isso é mentira. Todos os soldados ficam de sentinela, por turnos. Os imbecis e os outros — disse o Rufus.

— Era o que eu pensava — disse eu.

— E depois não é nada perigoso ficar de sentinela. Qualquer pessoa o pode fazer! — disse o Godofredo.

— Gostava de te ver lá. Ficar assim, completamente só, de noite, a guardar o regimento — gritou o Eudes.

— É mais perigoso salvar uma pessoa que se está a afogar, como eu fiz nas últimas férias! — disse o Rufus.

— Não me faças rir, tu não salvaste ninguém, e tu és um mentiroso. E sabem que mais, vocês são todos uns idiotas! — disse o Eudes.

Então desataram todos à pancada com o Eudes e eu levei um grande murro no nariz, e o Caldo, que é o nosso vigilante, pôs-nos a todos de castigo.

O Eudes começa a aborrecer-nos com a história do irmão.

E esta manhã, o Eudes chegou todo nervoso.

— Ei, rapazes! Ei, rapazes! — gritou ele. — Sabem uma coisa? Recebemos hoje de manhã, uma carta do meu irmão! Ele vem de licença! Chega hoje! Já deve estar em casa! Eu gostava de ter ficado para o receber, mas o meu pai não deixou. Mas prometeu-me que dizia ao Jonas para me vir buscar à escola, ao meio-dia! E sabem a melhor? Adivinhem lá!...

Como ninguém disse nada, o Eudes gritou todo orgulhoso:

— Ele tem uma patente! É cabo!

— Isso não é uma patente — disse o Rufus.

— Não é uma patente, diz ele — disse o Eudes a rir-se. — É claro que é uma patente, e ele tem uma divisa no braço. Ele escreveu-nos a dizer!

— E o que é isso, um cabo? — perguntei eu.

— Bem, é como um oficial — disse o Eudes. — Comanda montes de soldados, dá ordens; na guerra é ele que conduz os outros para a batalha; os soldados têm que lhe fazer continência quando ele passa. Assim! Estão a ver? Têm que lhe fazer continência!

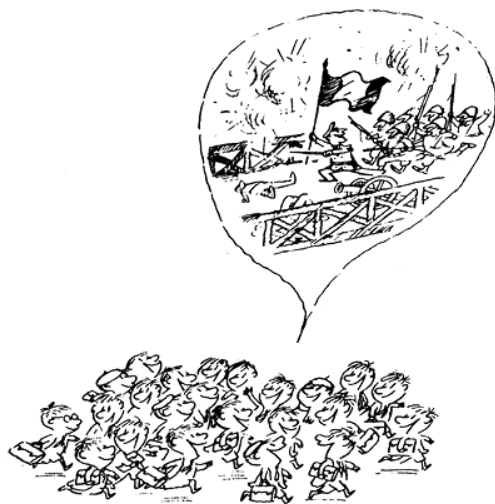
E o Eudes pôs a mão de lado na testa, a fazer continência.

— É engraçado! — disse o Clotário.

Estávamos todos um pouco invejosos do Eudes, que tem um irmão com um uniforme, com divisas e a quem toda a gente faz continência. E depois, também estávamos contentes por irmos vê-lo à saída da escola. Eu já tinha visto o irmão do Eudes, uma ou duas vezes, mas foi dantes, quando ele ainda não era soldado nem ninguém lhe fazia continência. Ele é muito forte e muito simpático.

— Lá fora, à saída, ele conta-vos. Eu deixo-vos falar-lhe — disse-nos o Eudes.

Fomos para as aulas muito nervosos, mas o mais nervoso de todos era, sem dúvida, o Eudes. Na cadeira, ele mexia-se e inclinava-se para falar com os colegas que estavam perto dele.



— Eudes! — gritou a professora. — Não sei o que é que tem esta manhã, mas está insuportável! Se continua assim fica até mais tarde, depois de tocar!

— Oh! Não, senhora! Não! — gritámos todos.

A professora olhou para nós, muito espantada, e o Eudes explicou-lhe que o irmão, o graduado, vinha esperá-lo à saída.

A professora inclinou-se para procurar alguma coisa na gaveta; mas nós já a conhecemos, sabemos que quando ela faz isso é porque tem vontade de rir; e depois ela disse:

— Bom. Mas fiquem sossegados. Principalmente o Eudes, é preciso ter juízo, para ser digno de um irmão que é soldado!

A aula pareceu-nos enorme, e quando a campainha tocou já tínhamos as pastas arrumadas e saímos a correr.

O Jonas estava à nossa espera no passeio. Não estava de uniforme; tinha vestido um pulover amarelo e umas calças azuis às riscas, e por isso ficámos um pouco desiludidos.

— Olá, cabeça de martelo! — gritou ele quando viu o Eudes. — Como estás grande!

E o Jonas beijou o Eudes nas duas bochechas, fez-lhe uma festa na cabeça e fingiu que lhe dava um soco. O irmão do Eudes é muito engraçado. Eu gostava imenso de ter um irmão como ele!

— Porque é que não vieste de uniforme, Jójó? — perguntou o Eudes.

— De licença? Estás a brincar? — disse o Jonas.

E depois olhou para nós e disse:

— Ah! Aqui estão os teus colegas. Este é o Nicolau... E o gordinho ali, é o Alceste... E aquele, ali, é... é...

— Maixent! — gritou o Maixent, muito orgulhoso porque o Jonas o tinha reconhecido.

— Diga lá, é verdade que agora, como já tem divisas, está a comandar homens no campo de batalha? — perguntou o Rufus.

— No campo de batalha? — brincou o Jonas. — No campo de batalha não, mas na cozinha sim, eu tomo conta dos faxinas. Estou destacado na cozinha. Nem sempre é agradável, mas come-se bem. Pode-se repetir.

Então o Eudes olhou para o Jonas, ficou completamente branco e fugiu a correr.

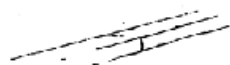
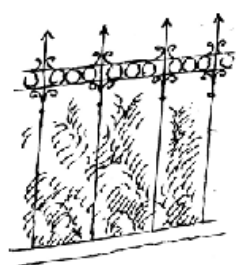
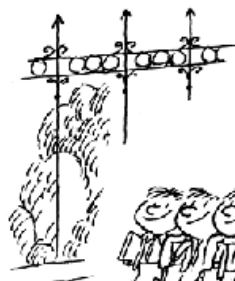
— Eudes! Eudes! — gritou o Jonas. — Mas o que é que ele tem? Espera por mim, cabeça de martelo, espera por mim!

E o Jonas foi-se embora a correr, atrás do Eudes.

Nós também fomos embora, e o Alceste disse que o Eudes devia estar orgulhoso por ter um irmão tão bem colocado na tropa.



Divertimo-nos
à brava!





O pau de giz

— Então e agora? Já não há giz! É preciso ir buscar — disse a professora.

E todos nós levantámos o dedo e gritámos: «Eu! Eu, professora!» menos o Clotário, que não ouviu o que a professora disse. É sempre o Aniano, que é o melhor da aula e o menino querido da professora, que vai buscar o que é preciso, mas hoje o Aniano não estava porque está com gripe, por isso todos nós gritámos: «Eu! Eu, professora!»

— Silêncio! — disse a professora. — Ora vamos lá a ver... O Godofredo, vá lá, mas volte depressa, está bem? Nada de demoras pelos corredores.

E o Godofredo lá foi todo contente, e voltou com um grande sorriso e com a mão cheia de paus de giz.

— Obrigado, Godofredo — disse a professora. — Vá-se sentar; Clotário, vá ao quadro. Clotário, estou a falar consigo!

Quando a campainha tocou saímos todos a correr, menos o Clotário, porque sempre que ele é interrogado a professora tem que falar com ele no fim da aula.

E o Godofredo disse-nos, na escada:

— À saída, venham comigo. Tenho uma coisa fabulosa para vos mostrar!

Saímos todos da escola, e perguntámos ao Godofredo o que é que ele tinha para nos mostrar, mas o Godofredo olhou para todos os lados e disse: «Aqui não. Venham!» Ele gosta muito de fazer mistérios, o Godofredo até nos enerva com isso. Então fomos atrás dele, virámos a esquina da rua, atravessámos, continuámos a andar ainda um pouco mais, tornámos a atravessar, e depois o Godofredo parou, e nós pusemo-nos todos à volta dele. O Godofredo tornou a olhar para todos os lados, meteu a mão na algibeira e disse-nos:

— Olhem!

E tinha na mão — ninguém conseguiria adivinhar o quê — um pau de giz!

— O Caldo deu-me cinco paus de giz, mas eu só dei quatro à professora — explicou-nos o Godofredo.

— Estás tramado. Foste atrevido! — disse o Rufus.

— Sim, se o Caldo ou a professora sabem disso, és suspenso, vais ver! — disse o Joaquim.

Na realidade, não se pode brincar com as coisas da escola! A semana passada, um dos grandes bateu com um mapa na cabeça de outro, o mapa rasgou-se e os dois grandes foram suspensos.

— Os cobardes e os medricas podem-se ir embora — disse o Godofredo.
— Os outros, vamo-nos divertir com o giz.

Ninguém se foi embora, primeiro porque não somos nem cobardes nem medricas, e depois também porque com um pau de giz podemos-nos divertir à brava e podemos fazer montes e montes de coisas. A minha Vovó uma vez mandou-me um quadro preto, mais pequeno do que o da escola, e uma caixa de paus de giz, mas a Mamã ficou-me com ela, porque ela dizia que eu escrevia por toda a parte menos no quadro. Foi pena, eram paus de giz de todas as cores, vermelhos, azuis, amarelos, e eu disse que o que havia de ser engraçado era termos giz de cor.

— Ah, muito bem! — gritou o Godofredo. — Eu arrisco-me à brava e o senhor Nicolau não gosta da cor do meu giz. Se és assim tão esperto, vai pedir ao Caldo giz de cor! Vai lá! Estás à espera de quê? Vai lá! Tu, tu falas, falas, mas não és capaz de ficar com um pau de giz, toma! Eu já te conheço!

— Sim — disse o Rufus.

Então, atirei com a minha pasta para o chão, agarrei no Rufus pelo casaco, e gritei-lhe:

— Retira tudo o que disseste!

E como ele não quis retirar nada, começámos à pancada, e depois ouvimos uma voz muito forte a gritar:

— Parem com isso já, seus vadios! Vão brincar para mais longe, ou eu chamo a polícia!

Fomo-nos todos embora a correr, virámos a esquina da rua, atravessámos, tornámos a atravessar e parámos.

— Quando acabarem de fazer palhaçadas podemos talvez continuar a brincar com o meu giz — disse o Godofredo.

— Se este tipo fica aqui, eu vou-me embora! — gritou o Rufus. — Quero lá saber do teu giz.

Ele foi-se embora e eu nunca mais lhe falo na vida.

— Bom, o que é que vamos fazer com o giz? — perguntou o Eudes.

— O que era engraçado era escrever coisas nas paredes — disse o Joaquim.

— Sim — disse o Maixent. — Podemos escrever: «O grupo dos Vingadores!» Assim, os inimigos ficam a saber que passámos por aqui.

— Ah, pois é! E depois eu sou suspenso da escola! Muito bem! Bravo! — disse o Godofredo.

— És um cobarde ou quê? — disse o Maixent.

— Um cobarde, eu que me arrisquei à brava? Fazes-me rir, olha! — disse o Godofredo.

— Se não és um cobarde, escreve na parede — disse o Maixent.



— E se depois somos todos suspensos? — perguntou o Eudes.

— Bem, rapazes — disse o Joaquim. — Eu vou-me embora, senão vou chegar tarde a casa, e depois tenho problemas.

E o Joaquim foi-se embora a correr a grande velocidade. Nunca o tinha visto com tanta pressa para chegar a casa.

— Giro era fazer desenhos nos cartazes. Sabes como é, pôr óculos, bigodes, barbas e cachimbos! — disse o Eudes.

Todos nós achámos que era uma ideia muito engraçada, só que ali, naquela rua, não havia cartazes. Então começámos a andar, mas é sempre a mesma coisa; quando andamos à procura de cartazes não encontramos nenhum.

— Eu lembro-me de um cartaz em qualquer sítio, aqui no bairro... — disse o Eudes — Sabes, aquele que tem um rapazinho que está a comer um bolo de chocolate com creme por cima...

— Sim, eu sei qual é. Já recortei um igual do jornal da minha mãe — disse o Alceste.

E o Alceste disse-nos que já estavam à espera dele, em casa, para o lanche; e foi-se embora a correr.

Como já se fazia tarde, decidimos não ir procurar mais cartazes e continuar a brincar com o giz.

— Sabem uma coisa — gritou o Maixent. — Podíamos fazer a macaca! Fazemos o desenho no passeio e...

— Tu não serás maluco? A macaca é um jogo para meninas! — disse o Eudes.

— Não senhor, não senhor! — disse o Maixent já todo encarnado. — Não é um jogo para meninas!

Então o Eudes começou a fazer montes de caretas e cantou com uma voz

muito fininha:

— A menina Maixent quer jogar à macaca! A menina Maixent quer jogar à macaca!

— Vamos para o terreno vago, para andarmos à pancada! Se fores um homem anda daí! — gritou o Maixent.

E o Eudes e o Maixent partiram juntos, mas quando chegaram ao fim da rua separaram-se. É que, a brincar assim com o pau de giz, sem darmos por isso começou a ficar muito tarde.

Ficámos só nós, o Godofredo e eu. O Godofredo fez de conta que o pau de giz era um cigarro, e depois pô-lo entre o lábio superior e o nariz, a fingir que era um bigode.

— Dás-me um bocadinho de giz? — perguntei.

Mas o Godofredo disse que não com a cabeça; então eu tentei tirar-lhe o pau de giz, mas o giz caiu no chão e partiu-se em dois bocados. O Godofredo ficou mais do que furioso.

— Toma! Vais ver o que eu vou fazer ao teu bocado de giz! — gritou ele.

E com o calcanhar esmagou um dos bocados do giz.

— Ah, sim? Então vê agora tu o que eu vou fazer ao teu bocado! — gritei eu.

E, crac! com o meu calcanhar esmaguei o bocado de giz dele.

E como já não tínhamos mais giz fomos embora, cada um para a sua casa.

